

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

RENATA SIMONE VICENTE BORTOLUZO

**ASILADOS OU EXILADOS?
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO COM UM GRUPO DE IDOSOS EM
CUIABÁ, MATO GROSSO**

CUIABÁ, MT

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

RENATA SIMONE VICENTE BORTOLUZO

ASILADOS OU EXILADOS?
UM ESTUDO ETNOGRÁFICO COM UM GRUPO DE IDOSOS EM
CUIABÁ, MATO GROSSO

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito necessário à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luiz Tarnovski.

CUIABÁ, MT

2019

B739a Bortoluzo, Renata Simone Vicente.

Asilados ou Exilados? : Um estudo etnográfico com um grupo de idosos em Cuiabá, Mato Grosso / Renata Simone Vicente Bortoluzo. -- 2019

86 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Flávio Luiz Tarnovski.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Departamento de Antropologia e Museu Rondon, Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Cuiabá, 2019.

Inclui bibliografia.

1. envelhecimento. 2. sociabilidades. 3. institucionalização. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - Cuiabá/MT
Tel : (65) 3615-7389/7386 - Email : ppgas@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "ASILADOS OU EXILADOS? UM ESTUDO ETNOGRÁFICO COM UM GRUPO DE IDOSOS EM CUIABÁ, MATO GROSSO"

AUTOR : Mestranda Renata Simone Vicente Bortoluzo

Dissertação defendida e aprovada em 29/08/2019.

Composição da Banca Examinadora:

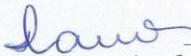
Presidente Banca / Orientador Doutor(a) Flávio Luiz Tarnovski
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Interno Doutor(a) Clark Mangabeira Macedo
Instituição : Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Externo Doutor(a) Rozeli Maria Porto
Instituição : UFRN - DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Examinador Suplente Doutor(a) Aloir Pacini
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

CUIABÁ, 29/08/2019.


Marcos Aurélio da Silva
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Coordenador - Portaria 1590/SGP - SIAPE 1487272
Universidade Federal de Mato Grosso

Para as idosas e os idosos que participaram desta pesquisa – os velhos que fizeram e fazem parte da minha vida – e aos meus entes amados.

AGRADECIMENTOS

Ao meu companheiro de jornada da vida, Luciano Bortoluzo, por todas as vezes que caminhou ao meu lado me apoiando em minhas escolhas.

Aos meus filhos, Beatriz e Lucas, por compreenderem o tempo de lazer com eles, por vezes escasso e pela colaboração e companhia nos estudos.

A todos professores do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso e a secretária Elisângela Amorim, que de alguma forma estiveram conosco.

Ao professor Flávio Luiz Tarnovski, por todos os momentos que me instruiu no fazer antropológico, bem como aos professores Clark Mangabeira e Rozeli Porto, pela participação na banca examinadora e por suas considerações preciosas que me levaram a aperfeiçoar este trabalho.

A todos colegas de turma, que me oportunizaram a conhecê-los melhor, em especial ao Sidney da Silva Júnior, pela prontidão na oferta de escuta e cuidado.

A direção do Abrigo Cuiabano, locus de pesquisa, pela autorização da realização do trabalho e a todos funcionários que me acolheram e se interessaram em compartilhar um pouco de si.

A CAPES pela bolsa de mestrado durante o ano de 2018.

A Icléia, Rosa Graciéla, Morgana e Maria Elisa, pela colaboração zelosa no projeto e na dissertação.

A Professora Flávia Motta pela prontidão em me ceder seu livro *Velha é a Vovózinha* (1998), e a Thiago da Silva ex-aluno do Programa de Pós-Graduação, por me enviar sua dissertação de mestrado.

Por fim, porém não menos importante, ao Criador, que me inspira a doar-me ora um pouco, ora um tanto de mim aos que me cerca, bem como a percebê-los como iguais, assim respeitando-os seja em suas diferentes etnias e crenças ou opiniões e fases da vida em que se encontram.

O Homem, o Tempo e o Vento (conto)

O homem se via envelhecer, sem protesto contra o tempo. Ansiava, sim, que a morte chegasse. Que chegasse tão sorradeira e morna como lhe surgiram as mulheres da sua vida. Nessa espera não havia amargura. Ele se perguntava: de que valia ter vivido tão bons momentos se já não se lembrava deles, nem a memória de sua existência lhe pertencia? Em hora de balanço: nunca tivera nada de que fosse dono, nunca houve de quem fosse cativo. Só ele teve o que não tinha posse: saudade, fome, amores.

Como a morte tardasse, decidiu meter-se na estrada e caminhar ao seu encontro.

Mia Couto, em *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos* (2016).

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender o cotidiano de idosos moradores de uma Instituição de Longa Permanência Filantrópica em Cuiabá, Mato Grosso, através da descrição das sociabilidades entre os idosos e seus pares e demais agentes. Especificamente, as percepções dos idosos sobre envelhecimento, enquanto marcador social de diferença, também sua relação com gênero, afetividade e família, no sentido de identificar os significados atribuídos pelos idosos à experiência asilar. Buscando-se, desse modo, refletir criticamente sobre os estereótipos negativos associados ao Envelhecimento, bem como a Institucionalização, em suma, “como se sentem as idosas e idosos neste espaço institucional?”. O trabalho de campo ocorreu de fevereiro a junho de 2018 e foi realizado através de observações participantes. O “cuidado” através de diferentes formas de manifestações da “dádiva” mostrou-se fator principal para a manutenção dos relacionamentos no contexto asilar na medida que produz afeto e melhoria da saúde. Menos que 10% dos idosos recebe visitas da família. Não foi observada hierarquia quanto ao gênero, mas quanto a idade e ao tempo de abrigo. Como conclusão, de acordo com a maior parte dos idosos entrevistados, o Abrigo Cuiabano representa um lugar em que se sentem menos sozinhos tanto na vida como na morte. Alguns idosos gostariam de retornar aos seus lugares de origem se pudessem levar a vida de antes, entretanto, desprovidos de saúde ou condições financeiras, concebem o abrigo um local para se viver a última etapa da vida assegurada em necessidades como comida, cuidado e segurança.

Palavras-chave: Envelhecimento. Sociabilidades. Institucionalização.

ABSTRACT

This research seeks to understand the daily life of elderly residents of a Philanthropic Long Stay Institution in Cuiabá, Mato Grosso, through the description of sociabilities among the elderly and their peers and other agents. Specifically, the elderly perceptions about aging, as a social marker of difference, also their relation with gender, affectivity and family, in order to identify the meanings attributed by the elderly to the asylum experience. In this way, we seek to reflect critically on the negative stereotypes associated with Aging, as well as Institutionalization, in short, “how do the elderly feel in this institutional space?” Fieldwork took place from February to June 2018 and was carried out through participant observations. “Care” through different forms of “the gift” manifestations has proved to be a main factor for the maintenance of relationships in the asylum context insofar as it produces affection and improvement of health. Less than 10% of the elderly receive family visits. No hierarchy was observed regarding gender, but as regards age and shelter time. As a conclusion, according to most of the elderly interviewed, the Cuiabano Shelter represents a place where they feel less alone in both life and death. Some elderly people would like to return to their places of origin if they could take the life of before, however, deprived of health or financial conditions, conceive the shelter a place to live the last stage of life assured in needs such as food, care and safety.

Key-words: Aging. Sociabilities. Institutionalization.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	METODOLOGIA: A ETNOGRAFIA NO URBANO	14
2.1	Mãos à Obra: O Abrigo Cuiabano.....	16
2.2	Os Participantes da Pesquisa	24
3	ENVELHECIMENTO: PERCURSO HISTÓRICO.....	43
3.1	Trajetórias: de Algum Lugar da Memória	47
3.2	Instituições: Cuidado, Conflito e Violência	49
3.2.1	Asilo e/ou exílio	52
4	CENAS DO COTIDIANO: O CUIDADO.....	55
4.1	Agentes de Cuidado: Funcionários e Outros.....	59
4.1.1	O voluntariado	61
4.2	Dádiva: Perspectivas do Dar, Receber e Retribuir.....	64
4.2.1	Representações da solidão	69
5	CONCLUSÕES.....	74
	REFERÊNCIAS	77
	APÊNDICE	86

1 INTRODUÇÃO

“Ei, psiu. Venha, venha, rápido!”.

A sentença acima expressa a fala recorrente do meu avô paterno, seguida de um sinal de silêncio, quando meus primos, primas, meu irmão e eu o visitávamos em sua casa. Em seguida, ele nos levava para seu quarto de janelas de madeira semiabertas e nos colocava enfileirados e sentados em sua cama.

Então, vovô ia até seu guarda-roupas e pegava em cima deste, barras de chocolates embrulhadas em papéis de alumínio que faziam cintilar a maioria dos olhos que ali estavam. Essa cena integra uma das ações de trocas em nossa relação que ficaram guardadas em minha memória, embora chocolates não sejam meus doces favoritos.

Mais tarde, na adolescência morei com ele por três anos. Tempo em que tivemos almoços prazerosos de muita conversa e riso. Geraldo, em seus 80 anos, era um idoso com autonomia e amava estar com as pessoas na cidade que vivia. Nosso afastamento na década de 1990, quando vim de São Paulo para Mato Grosso, foi uma das decisões mais difíceis que tomei. Desde então, não perco a oportunidade de cultivar relacionamentos com pessoas mais velhas, apreciando a riqueza de suas culturas, olhando nos olhos, trocando experiências.

Enquanto caçula de quatro filhos, pude aprender muito com os erros e acertos dos meus irmãos, especialmente com minhas irmãs mais velhas a quem respeito profundamente, cuido e com quem pretendo sempre compartilhar os desafios do viver. Não, porque temos a consanguinidade em comum, mas pela razão de que seja um deleite estar com elas. Hoje, essas mulheres ao se aproximarem dos 60 anos, representam uma amostra de que o envelhecimento acontece dentro de um processo (PEIXOTO, 2004). Ai daqueles que ousam dizer sobre elas estarem ficando velhas!

Como nossos pais não nos oportunizavam o diálogo nas questões cotidianas, aprender com pessoas mais velhas que desejavam interagir comigo, foi uma estratégia que desenvolvi para alcançar meus objetivos e manter a sanidade diante de um ambiente familiar tão inóspito. Deste modo, conforme era bem-sucedida diante de um conselho dado ou uma vivência de alguém apreendida por mim, aumentava a minha crença acerca das pessoas mais velhas que eu, sobre terem algo a me ensinar, um aprendizado já processado, sentido na pele, com o preço pago pelas escolhas que fazemos. Com base na minha trajetória penso que não escolhi estudar o idoso urbano, mas este objeto é que tem me escolhido pela vida a fora.

A existência de pessoas idosas, tanto no Brasil como em outras partes do mundo, alcança representatividade numérica jamais vista, sendo que o Brasil terá a sexta maior população de idosos do mundo até 2025 (ALISSON, 2016; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2015). Só em Cuiabá, MT, foi registrado 45 mil pessoas com mais de 60 anos no Censo Demográfico 2010 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011). Além de maior longevidade, esses idosos têm adquirido significativa visibilidade social.

Os idosos podem ser vistos na mídia seja enquanto consumidores, seja enquanto “atores políticos” reivindicando seus direitos nos meios legais (SIMÕES, 2006). Por outro lado, desde o século XIX, as instituições de acolhimento asilares, também conhecidas por Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), vêm acolhendo a demanda de idosos em suas diversidades. Conforme Camarano e Barbosa (2016), em geral, os moradores das ILPIs recebem além de moradia, alimentação e vestuário, serviços médicos e medicamentos.

Envelhecer pode significar para alguns o período existencial mais difícil de lidar, principalmente quando esse aspecto da vida se configura como um marcador social de diferença. Alguns idosos tentam viver sozinhos, outros procuram uma instituição para um recomeço e há também aqueles que são levados para lá contra sua vontade ou por não ter outras opções, ou no caso dos acolhimentos em situação de risco, conforme previsto no Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003) (BRASIL, 2003).

Enquanto oriunda das Letras tenho focado nos aspectos linguísticos do sujeito, porém nos anos vividos em sala de aula enquanto educadora e aprendiz, percebi que é preciso olhar a pessoa como um todo, conhecer um pouco de seu ethos, ou melhor, os elementos valorativos que cada um traz consigo. Isso importa porque cada um percorre um caminho próprio para a construção do aprendizado.

Então a antropologia me foi apresentada, ofertando-me ferramentas para lidar com a alteridade, assim, este trabalho vem somar às pesquisas já realizadas na Universidade Federal de Mato Grosso ao que tange as pessoas em seus processos de envelhecimento cuja maioria se dá na área da saúde.

O caminho traçado até a escolha desta temática passou por reflexões acerca dos idosos que já tive por perto, dos que tenho hoje e da velha que também serei amanhã, quando poderei, de algum modo, necessitar de acolhimento, repouso e principalmente de atenção e escuta. Pensando sobre isto, e entre tantas indagações, o asilo enquanto instituição pública foi selecionado por se tratar de um lugar tido como moradia, dado que o torna diferente das casas

de repouso particulares, na medida que estas oferecerem também opções de estadia em períodos pequenos, como um fim de semana ou feriado.

Essa pesquisa se aproxima sobretudo da temática da velhice trabalhada tanto por Britto da Motta (2016) como por Debert (2006), ao que tange ao estudo etnográfico do cotidiano de idosos buscando a riqueza deste e não as ausências do espaço social dos idosos que são mais frequentemente abordadas enquanto problema social.

Neste sentido, este estudo assemelha-se a aqueles realizados no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 com a proposta de pensar a cidade positivamente e não como antítese de algo, mas suas sociabilidades, pois, segundo Barros (2006a), estes trabalhos revelaram que por mais inhóspita que a cidade possa parecer, existe ordem, com regularidades, nuances, modernidade.

O estudo das sociabilidades no contexto asilar permite compreender como os idosos significam seus processos de envelhecimento, sem negar as diversas situações experimentadas pelos idosos no ambiente institucional, como os conflitos entre seus pares e os profissionais que atuam na instituição de Longa Permanência (SOUZA *et al.*, 2011).

Os termos “asilados” e “exilados” inseridos no título deste trabalho, foram selecionados por permitirem um trocadilho no aspecto sonoro, mas principalmente como provocação ao leitor acerca da semelhança de ambos significados. Aqui, tomo “asilados” quanto aos idosos que se sentem abrigados, acolhidos e “exilados”, no sentido de exílio seja este voluntário ou forçado, especificamente, a ação de ser retirado (a) de algum lugar de pertencimento por alguém ou alguma força social de poder, assim levando o (a) idoso (a) a perceber o ILPI lócus desta pesquisa, doravante identificado como Abrigo Cuiabano, como um lugar não concernente a sua moradia. Nesse sentido, a pergunta central que esta pesquisa buscou responder é como se sentem as idosas e idosos neste espaço institucional?

Algumas das possíveis sociabilidades ao que tange aos idosos são aquelas estabelecidas com os profissionais da instituição e com amigos ou parentes que os visitam (PEIXOTO, 2000). Também há relações com os voluntários e profissionais de assistência social, que muitas vezes são canais para a obtenção de uma vaga a instituição abrigo. Ademais, há reflexões acerca das percepções dos idosos expressos no título, as idosas e idosos se sentem acolhidos na instituição asilar que moram ou excluídos da sociedade e distante dela?

Este trabalho diferencia-se do de Graeff (2005), na medida em que descreve não somente as sociabilidades entre os idosos e seus pares no espaço asilar, mas entre os demais

agentes desse contexto, ainda, a atuação da pesquisadora enquanto voluntária que gerou maior proximidade com os idosos.

Os dados colhidos no contexto asilar poderão iluminar melhor as políticas públicas referentes aos direitos e bem-estar das idosas e dos idosos. Dentre os órgãos atuantes está o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, de Cuiabá, MT, que objetiva atender principalmente os idosos das ILPIs e as associações em diversos bairros da Capital de Mato Grosso, desde modo somando às questões estaduais relacionadas ao envelhecimento.

Por fim, a análise dos dados coletados em dimensão qualitativa propiciou, mediante técnicas utilizadas nas Ciências Sociais, preciosas informações acerca dos aspectos socioculturais de um grupo de idosas e idosos em Cuiabá, MT.

A seguir, reflito sobre a metodologia utilizada na pesquisa, bem como acerca da trajetória do fazer etnográfico. Então conduzo o leitor à um tour pela ILPI lócus de pesquisa, mostrando-lhe o aspecto estrutural como também seus residentes, trazendo o gênero como possível marcador da diferença entre os idosos e demais agentes do abrigo em que me incluo. Apresento ainda as trajetórias de quinze dos trinta residentes com quem convivi durante o trabalho de campo realizado de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002).

2 METODOLOGIA: A ETNOGRAFIA NO URBANO

[...] a etnografia, graças à imersão do pesquisador no meio pesquisado, reconstitui as visões da base mais variadas do que se imagina; permite o cruzamento de diversos pontos de vista sobre o objeto, torna mais clara a complexidade de práticas e revela sua densidade. (BEAUD; WEBER, 2007, p. 10-11).

Em sua multiplicidade de posicionamentos, a etnografia enquanto método de pesquisa qualitativo tem se apresentado infindavelmente rica para a apreensão de dados. Sobre o fazer antropológico, Peirano (1995, p. 7) afirma que este pode ser realizado em vários níveis de alteridade, pois há um sistema subjacente ao que podemos enxergar a olhos nus:

[...] Proponho que nos últimos trinta anos a alteridade deslizou de um pólo onde ela é (ou pretende ser) radical e outro onde nós mesmos, cientistas sociais, somos o Outro. Desta perspectiva, podemos identificar quatro tipos ideais: (a) a alteridade radical; (b) o contato com a alteridade; (c) a alteridade próxima; (d) a alteridade mínima. Esses tipos não são excludentes e, ao longo de carreiras acadêmicas, antropólogos transitam em vários deles. Em termos cronológicos, nota-se uma certa seqüência [sic]: o projeto de se pesquisar a alteridade radical antecipa o estudo do contato; a ele se segue a antropologia em casa, até que se atinge a investigação da própria produção sociológica no país. Este é o momento em que fronteiras nacionais são ultrapassadas e retorna-se à alteridade radical, agora modificada [...].

Fonseca (1999) apresenta o método etnográfico enquanto instrumento que pode enriquecer as relações entre agente e interlocutor de universos simbólicos diversos. Velho (2004) destaca a prática do observar, particularmente “o familiar”, ou seja, cuidar com o que nos parece “familiar” pois este pode ser desconhecido. Para tanto, é necessário exercitarmos o olhar de distanciamento que deve ser desempenhado através do uso das categorias antropológicas:

Isto mostra não a feliz coincidência ou a mágica do encontro entre pesquisador e objeto com que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão de subjetividade envolvidos nesse tipo de trabalho. A “realidade” (familiar ou exótica) é sempre filtrada por determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada [...] (VELHO, 2004, p. 130).

Sob o prisma de uma etnografia urbana, fazer antropologia é olhar os outros e ao mesmo tempo nós mesmos, ou seja, uma alteridade mais próxima. Podemos entender que os lugares só existem porque as pessoas vão e vem deles (INGOLD, 2005). O autor utiliza-se de metáforas para tratar dos percursos que as pessoas e seus corpos fazem pela cidade, ou seja, o modo como

os sujeitos usam a cidade. Assim, territorializar o espaço para esse autor é habitar, torná-lo do sujeito de algum modo, sendo que neste percurso os sujeitos estariam em um constante “devir”, na busca contínua por um território, que pode ser compreendida por uma presença de uma ausência.

Questiona-se se a Antropologia Urbana abrangeria estudos “da cidade” ou “na cidade”. Um referencial nesse debate é Magnani (2003a, 2003b). O autor postula acerca da existência de uma única cidade, explanando que isso se faz em algum plano, porém não é a mesma cidade para todos. Para ele ambas abordagens refletem a alteridade, se possível num diálogo entre as duas perspectivas:

[...] se *da* ou *na* cidade – devem ser considerados como dois polos de uma relação que circunscrevem, determinam e possibilitam a dinâmica que se está estudando. Para captar essa dinâmica, por conseguinte, é preciso situar o foco nem tão de perto que se confunda com a perspectiva particularista de cada usuário e nem tão de longe a ponto de distinguir um recorte abrangente, mas indecifrável e desprovido de sentido [...] (MAGNANI, 2009, p. 138, grifo do autor).

Guiando-me por estas e outras referências antropológicas me propus adentrar uma ILPI localizada na capital de Mato Grosso, Cuiabá, utilizando o método de observação participante, cujo pioneiro foi Malinowski (1976), que me proporcionou estudar as relações que são estabelecidas no contexto asilar, mais especificamente como foram construídas as relações intersubjetivas com as pessoas.

Segundo o *Relatório de Inspeção a Instituições de Longa Permanência para Idosos* (2008) existem três ILPIs em Cuiabá, sendo uma delas para fins filantrópicos (CONSELHO FEDERAL DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2008). Hoje, além das ILPS citadas no Relatório, existem pelo menos mais quatro, das últimas, todas do setor privado.

De fato, tanto as instituições privadas quanto as públicas, sejam essas governamentais ou filantrópicas, trazem grupos de convivência para uma investigação, entretanto, a decisão em estudar o idoso de uma instituição única, ao invés de duas ou mais, deu-se pela possibilidade de uma dedicação mais intensiva ao estudo, com mais presença no dia-a-dia dos sujeitos de pesquisa e maior imersão nas particularidades de seu mundo.

A princípio a escolha de uma ILPI foi feita por se tratar de um lugar tido como moradia por 100 pessoas, sendo 60,0% homens e 40,0% mulheres. É uma instituição filantrópica localizada em Cuiabá, entretanto recebe idosos de diferentes classes sociais e tem sido lócus de

pesquisa para estudos¹ em variadas áreas do conhecimento, a título de exemplo o trabalho de Alves *et al.* (2018).

Em meados de maio de 2017, o Abrigo Cuiabano² foi contatado no intuito de obter a autorização para o desenvolvimento da pesquisa no local. Após duas semanas desde o primeiro contato, a autorização foi dada, o que propiciou a definição do recorte do objeto de pesquisa. No início de 2018 foi reiterada a autorização para a pesquisa e a afirmativa foi dada.

Autorizada para o início da pesquisa, a aceitação por parte da assistente social era minha maior preocupação porque a diretora do abrigo havia me dito para tratar acerca do que eu precisasse com ela. No período da pesquisa de campo também realizei um trabalho voluntário “negociado” com os idosos em colaboração a assistente social me disponibilizando no auxílio com os residentes enquanto eu estivesse no Abrigo Cuiabano.

2.1 Mãos à Obra: O Abrigo Cuiabano

Tarde de sexta-feira em Cuiabá, primeiro dia de etnografia, chego na instituição asilar na busca do olhar e o ouvir sem pré-conceitos, bem como o escrever e o reescrever conforme Cardoso de Oliveira (2006), também com meu diário de campo, para tão logo a visita finalizasse eu colocasse no papel o que ali vivenciei.

Então, na segunda visita ao Abrigo Cuiabano, consciente de estar já em observação participante, após conseguir autorização com a diretora via e-mail, fui requerida falar do projeto à assistente social, bem como do meu desejo de ajudar no que eles necessitassem. Fui bem recebida e ela me pediu se eu poderia angariar fundos para a compra de 100 porta medicamentos para a farmácia do abrigo, necessários para a rotina medicamentosa pois a maior parte dos idosos toma medicação diariamente. Disse que faria o possível para ajudá-los pois tinha consciência de que uma negativa da minha parte à primeira vista poderia levar ao fechamento das portas da instituição para a pesquisa.

¹ Esses estudos realizados na Instituição lócus de pesquisa em Cuiabá serão abordados adiante.

² Nome fictício.

A ferramenta WhatsApp foi utilizada como auxílio na arrecadação do dinheiro e em três meses alcançamos o valor necessário para a compra dos porta-medicamentos para os idosos. A assistente social me pediu também que eu adquirisse os produtos ao invés de entregar o dinheiro à instituição no sentido de revelar transparência nas ações da ILP, portanto, realizei a compra e no ato da entrega estavam comigo algumas pessoas que colaboraram nesta ação solidária³, que foi a primeira de muitas.

Ainda na segunda visita surgiu uma outra questão, que foi abordada por Cardoso de Oliveira (2004) como um dos dois momentos em que o antropólogo enfrenta problemas ético-morais, este se dá na negociação da identidade do pesquisador no campo, em que a clareza sobre as razões de sua presença lá é de sua importância. Isso decorreu em razão da sugestão da Assistente Social de eu não revelar minha identidade aos sujeitos antes que eles tivessem intimidade comigo, segundo ela, por se tratarem de pessoas emocionalmente frágeis. No momento me percebi desconfortável com a ideia, pois ao me colocar no lugar dos idosos, eu me sentiria traída.

Decidi que revelaria minha identidade conforme me perguntassem o que estava fazendo lá, o que procurei fazê-lo falando de maneira honesta e compreensível aos meus sujeitos. Desse modo, a princípio me sentava ao lado de algum idoso e puxava conversa e na medida que me perguntavam o que estava fazendo no Abrigo Cuiabano eu lhes explicava acerca do projeto. Essa reflexão me remete ao termo “concidadão” utilizado por Fonseca (2010), referente ao aspecto político que perpassa o relacionamento com seus informantes, gerando um envolvimento que pode ser mais do que passageiro na vida deles.

Outra questão trabalhada com os idosos, foi a respeito do anonimato dos sujeitos de pesquisa no texto etnográfico, discorrido tanto por Fonseca (2010), como por Cardoso de Oliveira (2004), ao que se refere à responsabilidade do pesquisador e a divulgação dos dados obtidos. Com o intuito de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, tanto os nomes dos residentes ao longo do texto como o da instituição lócus da pesquisa foram modificados.

Nos momentos em que eu conversava com os idosos lhes afirmando que suas identidades não seriam reveladas e nada seria publicado sem que antes eles autorizassem, logo passavam a demonstrar maior tranquilidade e fluidez na fala. Sobre esse proceder do pesquisador Debert (2004, p. 51) afirma que:

³ Tecerei acerca do voluntariado realizado por mim e por outros agentes no capítulo 4.

[...] na pesquisa com as minorias desprivilegiadas é central a ideia de que as populações estudadas devem ser informadas sobre a natureza da pesquisa desenvolvida e de que os resultados obtidos na investigação não podem prejudicá-las [...].

Isto esclarecido a pesquisa avançou, a ponto de eu chegar no Abrigo Cuiabano e ser procurada por uma (o) idosa (o) ou outra (o) que queria participar do estudo. Normalmente me era falado dos conflitos do cotidiano, depois, do que lhes acontecia de bom como uma visita, comidas diferentes ou passeios. Algo que me chamou atenção durante nossas conversas era a constância de falarem sobre as relações do passado, seus feitos ou a saúde perdida.

Os papéis enquanto pesquisadora e voluntária foram desempenhados simultaneamente. As relações com os profissionais da instituição, além de agregarem a pesquisa informações acerca do cotidiano institucional, permitiram-me conhecê-los mais de perto. Com isso, passaram a se sentir à vontade para aceitarem minha ajuda.

Particularmente para mim, houve um esforço mais intenso no estranhamento, pois quando nasci meu pai já era um homem de cabelos brancos tal como meus tios paternos e maternos. Assim, cresci cercada por este universo de pessoas mais vividas e ainda hoje convivo com vários tios idosos acima dos 60 anos no meu cotidiano. Tarnovski (2002, p. 22) situa a problemática nas seguintes palavras:

[...] A sensação de familiaridade que pode acompanhar um pesquisador em contato com grupos ou segmentos geograficamente próximos, também pode mascarar o reconhecimento da distância em outros níveis. Tal situação requer que o pesquisador “desloque-se” de seu lugar social, a fim de criar condições para a percepção da alteridade [...].

Para Calávia Sáez (2013), tão significativo quanto o estranhamento parece ser “tornar o exótico, familiar”, ou seja, aproximar-se do que está distante, fazendo familiar o que é estranho. Sobre isso, DaMatta (1978) acrescenta, que na Antropologia é onde se estabelece a ponte entre dois universos de significação, sendo que esses, deixaram de ser simplesmente em buscar no exótico o que há de familiar, mas ver o exótico cristalizado em nós.

O diário de campo foi utilizado enquanto ferramenta de pesquisa antropológica principal como sugerido por Beaud e Weber (2007). Na interação com o grupo considerado foram registrados os contatos realizados com os profissionais que administram e cuidam, familiares e outras pessoas que estão presentes no cotidiano dos sujeitos da pesquisa, a exemplo os voluntários.

Fasano (2010) afirma que o diário de campo tem papel relevante como técnica de pesquisa antropológica por se tratar de uma ferramenta que leva o etnógrafo à reflexão, pois, conforme sua escrita é construída, começa-se a perceber as estratégias de se colocar em campo.

Busquei ter zelo tanto com os diários de campo como os demais materiais, pois como Beaud e Weber (2007) trazem na terceira parte do “guia para a pesquisa de campo”, a perda das informações contidas nestes poderia prejudicar significativamente a pesquisa. Baseando-me em tais recomendações, mantive os diários em casa guardados em local seguro.

Em campo, a partir do que trata Weber (2009), levava papéis avulsos em que eu escrevia apontamentos após a saída do Abrigo Cuiabano. Então, ao chegar em casa no mesmo dia ou na manhã do dia seguinte, relatava a visita a ILPI em pormenores nos diários e, assim que possível, digitalizava e copiava os arquivos em *pen drive*, bem como armazenava-os na nuvem.

Enquanto digitava as informações dos diários surgiam lembranças das literaturas que nos foram apresentadas no primeiro ano do mestrado. Ao mesmo tempo que isso me trazia uma sensação agradável, inúmeras dúvidas eram manifestadas acerca da costura entre os dados e a teoria. De acordo com Mangabeira (2016, p. 45):

Se a antropologia, como processo, culminou na ideia de relativização, centro de seu poder analítico, é necessário um movimento de retorno, dobrar-se sobre si e enquadrar a ideia de relativização sobre os seus próprios textos-dados. A atitude deve ir além do reconhecimento da percepção do outro. Enquanto, no campo, o antropólogo “respeita” o “objeto” garantindo-lhe adequação simétrica com outras formas de pensamento, na relação com os textos seu panorama varia em termos de aceitação ou rejeição, uma atitude de encerramento de realidade quanto às posições epistemológicas [...].

A coleta de dados aconteceu nos períodos matutino e vespertino, acordado com a instituição. Houve um período de permanência *in loco* de cinco meses, ocorrendo entradas e saídas regulares na casa em qualquer dia da semana que totalizaram quarenta e quatro visitas cada uma em média de duas horas que são referentes ao tempo de visita, porém, houve visitas em quantidade de horas irregulares.

Foi elaborado roteiro de entrevista semiestruturada fundamentado em uma abordagem compreensiva que proporciona ao pesquisador possibilidades de proferir, entre outros, questões variadas ao longo da conversação, como colocado por Kaufmann (2013, p. 81):

A melhor pergunta não está posta na grade: ela deve ser encontrada a partir do que acaba de ser dito pelo informante. Em suas últimas respostas ele forneceu opiniões, análises, sentimentos, cuja análise de conteúdo, alguns meses depois demonstrará que elas [...] representam uma fonte de extraordinária riqueza [...].

Durante as primeiras visitas foi preciso estar próxima as pessoas do grupo, observando-as, a fim de desenvolver relações de empatia e confiança. Era sabido a necessidade de um tempo para que se acostumassem com alguém que não fazia parte do cotidiano deles, para que aos poucos pudessem se sentir à vontade com minha presença, ou seja, para que nos relacionássemos, pois “[...] A observação etnográfica não se assenta sobre universos dos indivíduos, mas, sim, sobre universos de relações [...]” (BEAUD; WEBER, 2007, p. 31).

Não obstante, o campo mostrou que além do tempo para confiarem em mim, era preciso que os visitasse com mais frequência pois a perda de suas memórias recentes dificultava eles reconhecerem quem eu era. Assim a cada visita eu tinha que lembrá-los a meu respeito. De acordo com Fonseca (2004, p. 7), o método etnográfico requer “[...] do pesquisador boa dose de paciência (para registrar coisas aparentemente inúteis) e coragem (para construir modelos [...] equilibrados a partir de fragmentos da vida social minada de contradições e ambivalências) [...]”.

Para tanto, procurava fazer algo incomum ou presenteá-los no intuito de que ficasse mais fácil se lembrarem de mim com a associação à minhas ações, assim massageando-os, hidratando-os, servindo-lhes refeições, presenteando-os em seus aniversários, também calçando-lhes chinelos, empurrando-os nas cadeiras de rodas...

Nos cinco meses em que estive na instituição interagi com aproximadamente 30 idosos, destes 15 foram selecionados com base na coleta incompleta dos dados pessoais pré-determinados na entrevista. Isso se deu tendo em vista meu acesso restrito aos residentes, pois muitas vezes ao chegar na instituição eles estavam descansando em seus quartos em que a entrada de visitantes não é permitida.

Busquei estar presente nos horários de visita no sentido de observar a frequência dos visitantes e que tipo de relação tinham com os idosos. As pessoas eram praticamente as mesmas. Conforme a diretora do Abrigo Cuiabano, o número de familiares que realizam visitas aos moradores da ILPI é menor que 10% (CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE MATO GROSSO, 2017).

Houve aqueles dias em que não via a hora de estar na instituição e ainda outros em que ia até lá pelo comprometimento com a pesquisa, pois me sentia com dificuldades de lidar com outrem, que segundo Viveiros de Castro (2002, p. 118):

[...] não é ninguém, nem sujeito nem objeto, mas uma estrutura ou relação, a relação absoluta que determina a ocupação das posições relativas de sujeito e de objeto por personagens concretos: outrem designa a mim para o outro EU e o outro eu para mim”. A ideia de outrem é, portanto, a possibilidade de que

existe um ponto de vista, o próprio conceito de ponto de vista, este que permite que o “Eu e o Outro cedam a um ponto de vista [...]”.

Como consequência, minha sede de descobertas era retroalimentada e o trabalho progredia. Nesse fazer pude sentir o campo com meu próprio corpo, semelhantemente à Foote-Whyte (2005), que se dispunha a participar do cotidiano de seus informantes, levando a conhecê-los melhor. Quis ainda me emprestar a oferecer e receber olhares, abraços, beijos, apertos de mão, pensar nas muitas trilhas que os sujeitos ocuparam e ocupam como moradores de uma ILPI.

Enquanto futura antropóloga e atual pesquisadora tenho tentado refletir sobre o que vimos no Código de Ética do Antropólogo e também acerca do termo “concidadão” utilizado por Fonseca (2010), referente ao relacionamento com seus informantes, que no contexto das antropologias nacionais, haverá ou não situações em que o antropólogo enquanto concidadão de seus informantes terá “[...] um envolvimento que pode ser mais do que passageiro na vida deles [...]” (FONSECA, 2010, p. 50).

Houve momentos que choramos juntos, outros em que engoli o choro para colocá-lo para fora após a saída do abrigo e ainda outros em que outras sensações me acompanharam. Aqui me atenho a uma situação vivida com Simona, nome fictício de uma das idosas, quando ela estava doente e eu a visitava em seu quarto. Contava-me que não se sentia solitária, pois estava sempre acompanhada por seus amigos espirituais, então me falou que havia alguns deles próximo a nós, o que me causou arrepios.

A pesquisa demandou uma tarefa contínua de análise e interpretação desde as primeiras entradas e observações na instituição até a saída de campo, possibilitado assim um agrupamento dos temas mais recorrentes de acordo com sua emergência na vivência em campo. A necessidade do afastamento sempre se fez presente, sendo um de seus frutos a não tomada como verdade do que os idosos me relatavam como sugerido por Becker (1999).

Acerca dos contratemplos, cito a restrição aos quartos dos idosos. Quando iniciei a pesquisa era permitido o acesso aos quartos dos idosos, contudo não o fiz pois ainda não tinha intimidade com eles. Na medida que as relações foram construídas e os idosos já sinalizavam o desejo de compartilharem o espaço mais íntimo que são seus quartos, então surgiu a proibição do acesso aos mesmos por parte da direção da instituição, sendo colocados avisos a esse respeito em alguns locais de acesso a todos. Assim, não pude experimentar o cotidiano do idoso em sua totalidade diária, porém este fato não interferiu na percepção das sociabilidades presentes no contexto asilar.

Além do mais, precisei diminuir meu tempo de permanência diária no Abrigo Cuiabano, mesmo tendo sido autorizada pela direção e assistente social para estar lá no horário comercial. A restrição se deu porque além de perceber que estava incomodando alguns funcionários, foi-me falado por um deles que era melhor eu limitar meu tempo na instituição a duas horas diárias que são permitidas às visitas. Esse fato também me levou a realizar mais visitas com menos quantidade de hora.

Embora eu concorde com Geertz (2009), acerca do cenário da escrita como “Estar lá” e a escrita do trabalho “Estar aqui”, sendo que é a partir do estar lá que o antropólogo tem acesso ao discurso, ou seja, compreende como a “alteridade” define seu mundo, penso que este estar aqui e lá não devessem ter um distanciamento radical, em primeiro porque o nosso nativo não necessariamente está além mar, além disso, o fato de se ter consciência da razão do afastamento para o “estar aqui” não diminui o pesar do não estar junto, principalmente se tratando de sujeitos institucionalizados.

A etnografia que propus seria impossível de ser realizada sem a observação participante. Tendo como base que na Antropologia sempre trabalhamos com parcialidade, o fenômeno escolhido, etnografado e aqui narrado pela pesquisadora, é somente uma parte das representações dos idosos institucionalizados em nossa sociedade.

Segue, uma descrição da ILPI em que a maior parte da etnografia foi realizada, num percurso semelhante ao que é feito quando um visitante quer conhecer o abrigo, buscando detalhar as particularidades de cada ambiente como tamanho, mobília, propósito, entre outros.

Ao passar por uma das avenidas principais que cortam Cuiabá, MT, mais conhecida como Avenida do CPA, rumo à Chapada dos Guimarães, vislumbra-se um longo muro branco que cerca o terreno de esquina da instituição asilar lócus de pesquisa. Ao adentrar o local, tem-se um panorama do grande volume de árvores presentes, a exemplo mangueiras, cajueiros, entre outros.

O Abrigo Cuiabano é uma ILPI para idosos que existe desde a década de 1940. Objetiva principalmente suprir as necessidades de saúde, higiene e alimentação dos seus moradores. Sua primeira estrutura era na região do Porto de Cuiabá abrigando pessoas em situação de vulnerabilidade de todas as idades. Com o tempo concentrou-se nos trabalhos com idosos e crianças e atualmente recebe somente pessoas com sessenta anos ou acima.

Da portaria, vê-se uma praça com mesas e bancos de cimentos em que alguns moradores gostam de se deitar para desfrutar do silêncio e das sombras das diversas mangueiras que estão

ao redor. Ademais, esse espaço é bastante utilizado para os idosos tomarem banhos de sol, ouvirem músicas e participarem de atividades com seus pares, cuidadores ou voluntários.

O caminho até a recepção é adornado por um jardim em que há espadas de São Jorge aglomeradas, bem como miniaturas delas. Também uma robusta folhagem conhecida como “comigo ninguém pode”, entre outros. Uma cuidadora que trabalha geralmente a noite gosta de cuidá-las. Tais folhagens também estão em vasos por toda a parte. Ao chegar na recepção o visitante encontra dois bancos de madeira com capacidade para duas pessoas em paredes opostas, cada um deles adornados com almofadas coloridas. No centro do cômodo há uma mesa de trabalho e a esquerda a partir do olhar do visitante outra. Está localizada em uma construção juntamente com a sala do arquivo, a da diretora e uma sala maior em que acontecem diversas reuniões como as do conselho.

No pátio principal que fica entre a ala feminina e masculina se faz presente uma imponente mangueira cuja sombra é muito apreciada pelos residentes. Ao redor do pátio há corredores cobertos com telhas em que normalmente a maioria dos idosos costuma permanecer em ócio diário. Na entrada deste, à esquerda, há dois murais, no primeiro são fixados os aniversários do mês vigente e no outro mural, informações diversificadas.

No refeitório há longas mesas e bancos de madeira em que os espaços ora são ocupados conforme a afinidade de uns para com os outros, ora por serem colocados ali pelos cuidadores. Os residentes tendem a se sentar no mesmo lugar. Há ventiladores por todo o espaço. No mesmo prédio, há dois banheiros, o refeitório dos funcionários e a cozinha.

Na ala masculina pode ser vista uma sala grande e com pouca luminosidade em que os sofás e uma televisão são mais comumente usados por aqueles que querem um espaço reservado. Paralelo a esta, está o salão de beleza que funciona todos os domingos já há alguns anos com vários voluntários que realizam ações como cortes, pinturas e serviços de manicure e pedicure. Entre a ala masculina e o refeitório está a lavanderia que é administrada diariamente por funcionários, sendo as roupas dos idosos identificadas com seus nomes e devolvidas a seus quartos.

Na ala feminina, existem os aposentos, a sala que a assistente social e a psicóloga usam para atender os idosos, a farmácia, a enfermaria e banheiros. Além das mulheres, lá dormem dois casais e dois homens que necessitam de maiores cuidados por serem cadeirantes. Há mais casais, mas estes dormem separados.

Tanto a porta da farmácia como a da enfermaria ficam de frente uma para a outra, de maneira que a profissional que está em um dos espaços enxerga quem e o que acontece em parte

do outro. A enfermagem além de ser um espaço para procedimentos, também hospeda as idosas e idosos em períodos em que precisam de uma atenção maior por parte dela.

Como a instituição exerce um trabalho filantrópico a busca por parcerias é constante. Dessa maneira, doações são sempre bem-vindas, seja em serviços, dinheiro ou alimentos, que podem mudar significativamente a vida dos idosos. A título de exemplo, foi a partir de uma doação realizada por meio de uma campanha de uma rede de supermercados local que todos os quartos passaram a ter ar-condicionado. Outra doação no mesmo sentido permitiu que a portaria fosse reformada.

Quando as doações de materiais chegam no Abrigo Cuiabano, é feita uma triagem para que se separem os itens que os idosos não podem utilizar, como materiais que podem machucá-los ou saltos altos e utensílios de vidro que são levados para o brechó. Os demais produtos são colocados na sala de reuniões. Depois, os idosos são convidados a escolherem determinado número de peças segundo a quantidade do que foi doado.

O brechó está posicionado entre o refeitório e a ala feminina. É aberto a população nas quintas e sextas a tarde, bem como nos sábados de manhã. Também se realiza de forma itinerante esporadicamente, tendo sua presença em eventos de grupos religiosos, entre outros. O dinheiro arrecadado nas vendas é juntado durante o ano vigente para ser utilizado em algo de necessidade extra.

2.2 Os Participantes da Pesquisa

Na época atual há cerca de 80 idosos morando na instituição, dos quais 38 são mulheres e 42 são homens. Embora a diferença numérica atual entre homens e mulheres não seja significativa, a maioria dos idosos que o Abrigo Cuiabano recebeu ao longo de seus quase 80 anos tem sido de homens.

No Quadro 1 são apresentados os dados de 15 dos idosos que participaram das entrevistas, contudo, outros residentes que não tem aqui seus dados, serão também citados ao longo da dissertação.

Quadro 1 - Dados dos idosos participantes

Nome	Idade	Origem	Religião	Escolaridade	Tempo de abrigo
1. Simona	85	São Paulo	Espiritualista	Ensino médio	8 anos
2. Angelo	83	Cuiabá, MT	Protestante	Fundamental I	5 anos
3. Cida	62	Mato Grosso	Católica	8ª Série/EJA	4 anos
4. Isolino	61	Minas Gerais	Católica	Analfabeto	2 anos
5. Nelson	72	Paraná	Protestante	4ª Série	20 anos
6. Clóvis	62	Mato Grosso	Católica	Fundamental II incompleto	4 anos
7. Karina	64	Minas Gerais	Católica/ Protestante	Fundamental II incompleto	9 meses
8. Aucio	70	Goiás	Católica/ Protestante	Analfabeto	5 anos
9. Benicia	62	Mato Grosso	Protestante	3ª Série	2 anos
10. Geraldo	90	São Paulo	Católica	3ª Série	18 anos
11. Vanda	66	Minas Gerais	Espírita/várias	Superior incompleto	4 anos
12. Julio	74	Mato Grosso	Católica	5ª Série	24 anos
13. Felipa	66	Mato Grosso	Católica	Analfabeta	2 anos
14. Nilha	92	Goiás	Católica	Analfabeta	3 anos
15. Vicente	74	Goiás	Católica	Fundamental I	8 anos

Obs.: nomes fictícios.

Os dados dos idosos acerca de suas escolaridades retrata suas condições socioeconômicas. Dos 15 idosos, 4 são analfabetos, destes, uma senhora tem mais de 90 anos e os demais menos de 70 anos. Com base nisso, não seria possível realizar alguma coleta de dados em que fosse necessário a escrita. Esse dado se aproxima à realidade dos idosos de uma ILPI em Indaiatuba, São Paulo, entrevistados por Figueiredo (2016), em que aproximadamente 50% deles são semianalfabetos ou analfabetos.

No Abrigo Cuiabano há uma pluralidade étnica. Segundo a assistente social, a maioria dos idosos é da região e tem família em Cuiabá. Os idosos não são oriundos somente das camadas sociais baixas, alguns são considerados de “famílias tradicionais” locais. Esse dado se contrapõe à visão estereotipada de que ILPIs filantrópicas abrigam somente idosos oriundos das camadas mais pobres. Essa heterogeneidade quanto à condição socioeconômica de idosos institucionalizados guarda relação com os dados de Debert (1999a).

Debert (1999a) também revelou a existência de idosos institucionalizados vivendo de maneira um tanto distinta dos moldes de Goffman (2001). Segundo Debert (1999a, p. 107), em uma das cinco instituições para idosos em que realizou observação participante:

[...] A identificação desse asilo como uma instituição total não se faz sem problemas. Nele os residentes podem sair e entrar com frequência. Nas atividades programadas a participação é mais maleável do que nas prisões, manicômios ou conventos ... A entrada no asilo é antes representada pelos residentes como uma alternativa capaz de possibilitar sua independência e o resgate de uma multiplicidade de papéis sociais [...].

Outro aspecto em que o Abrigo Cuiabano se difere de uma instituição total é quanto a escolha de alguns idosos em viver lá até seus últimos dias. Essa agência na velhice, Ortner (2007) revela a intencionalidade nesses idosos perante o fato de permanecer em uma ILPI por vários anos. Dos 15 idosos, seis estão há mais de cinco anos, sendo que três deles há mais de quinze anos. Dos últimos, um senhor de 90 anos compartilhou que conheceu o Abrigo Cuiabano através de uma cuidadora no Pronto Socorro municipal quando estava internado lá devido a um acidente de automóvel que o tornou deficiente. Viúvo, mesmo tendo filhos está na instituição há quase 20 anos, pois ao chegar na instituição foi bem tratado e decidiu permanecer lá por se sentir produtivo ao cuidar de outras pessoas que não conseguem cuidar de si mesmas.

Um outro caso é o do Júlio, solteiro, 72 anos, que está no Abrigo Cuiabano há 20 anos, tendo entrado quando ainda não era considerado idoso conforme as categorias etárias utilizadas na sociedade brasileira. Nesta época a instituição ainda recebia pessoas de todas as idades em situação de vulnerabilidade. Ele afirma gostar de viver lá, pois já “andou demais”:

[...] me aposentaram para ajudar na casa, mas não recebo dinheiro algum. Também para que velho precisa de dinheiro? Para fazer coisa ruim como beber e fumar? Tem um colega nosso que morreu faz pouco tempo de problema no pulmão. Aqui tem tudo o que preciso, roupa, comida, remédio e até caixão.

A agência dos idosos também se mostra quanto à escolha de permanecer junto com seus familiares. A exemplo, chegaram na instituição dois irmãos, uma idosa e um idoso, que necessitam de ajuda na locomoção e foram criados por uma família. Então diante da morte dos pais adotivos que eram em torno de duas décadas mais velhos que eles, os irmãos os colocaram na instituição. Também, há duas irmãs cuiabanas acima de oitenta anos que vivem lá há mais de dez anos. Em ambas situações os irmãos querem estar juntos em tudo o que fazem. Caso os separem reclamam e chamam um pelo outro. Sobre as irmãs, ao deitarem querem suas camas próximas e só se tranquilizam quando as aproximam.

Outra circunstância é a escolha de um genro em permanecer próximo da sogra para cuidá-la. Em geral nas visitas realizadas o vi próximo a ela. Sua sogra, Nilha, 92 anos, foi internada no Abrigo Cuiabano por uma de suas filhas e um tempo depois seu genro também. Assim, tanto a sogra quanto o genro passaram a conviver no contexto institucional. A descrição retirada do diário de campo que segue trata um pouco dessa relação:

Sento-me no pátio ao lado da Nilha, ela fala que sua filha morreu e por isso seu genro também está no Abrigo. Joaquim, o genro, chega, já havia o conhecido uns dias atrás no refeitório. Conta-me sobre suas duas filhas, uma está em Goiânia e a outra com quem ele estava morando, está fazendo um curso nos EUA e por isso ele está lá. Assim que ela voltar para o Brasil ele retornará para casa. Diz que antes de se aposentar era agricultor, tem setenta e dois anos e acha que “sua cabeça não anda bem”, por isso fala pouco. Afirma que sua sogra teve outros filhos, mas morreram, porém ela não se recorda.

Os homens idosos têm a tendência de ficarem mais próximos à ala masculina. Não há uniformidade nas roupas, mas particularidades que retratam seu *habitus*, ou seja, as experiências de socialização entre eles e o contexto cultural em que cresceram conforme Bourdieu (1995). Assim, vários deles que viveram a maior parte de suas vidas na zona rural usam camisas, calças e meias sociais, bem como botinas. Nas cabeças, chapéus ou bonés estão presentes, revelando-se como acessórios essenciais de grande parte de vidas trabalhando com o gado, lavoura ou profissionais da pesca. Ainda vários deles costumam usar anéis, pulseiras e correntes que espelham a vida derradeira de garimpeiro no norte de Mato Grosso.

Nas idosas, as cores das unhas e os acessórios se destacam. O cuidado consigo mesmo também pode ser visto na pintura do cabelo, penteados e maquiagem. Quanto ao vestuário, as saias, blusas, chinelos ou sandálias rasteiras são frequentes. Não obstante, o *habitus* na maior parte das idosas se revela nas atividades diárias como a ajuda no cotidiano aos seus pares, o cuidado consigo mesmo e sua representatividade nas atividades extra abrigo.

Dos trabalhos em que os idosos se voluntariam, no cuidado com a natureza, tanto homens quanto mulheres se mostram atuantes. Anoel gosta de aparar as folhagens em torno dos canteiros principais e o jardim costuma ser molhado por sua namorada Vanda, que também retira os matos que estão por ali. Além desses, há uma senhora paisagista de 85 anos que dá dicas na área que tem conhecimento, tendo como seu lugar favorito, se sentar de frente para a maior mangueira no pátio principal que ela denomina de “mãe natureza do abrigo”, ainda outras duas moradoras que costumam diariamente descascar alho e legumes na cozinha.

Quanto a comunicação, tanto homens quanto mulheres mostraram fluidez na fala, tendo em alguns momentos lacunas temporais. Não se fizeram presentes atitudes que pudessem ser compreendidas enquanto hierárquicas na questão de gênero, mas quanto ao tempo de instituição e/ou idade.

Nos textos de Goldenberg (2015) e Heck (2000), o gênero é um aspecto contrastante na velhice experienciada por homens e mulheres. Isso se apresenta através das relações de poder em geral fundamentadas nos padrões postos nas sociedades complexas em diferentes nuances.

No grupo de colonos alemães estudado por Heck (2000), no Rio Grande do Sul, a rigidez nos comportamentos esperados nos membros dessa comunidade leva os idosos a cometerem suicídio, portanto, a morrerem mais cedo, enquanto as idosas diante da autonomia dos filhos permitem-se desenvolver outras relações sociais, assim sua identidade sendo valorizada além do ambiente íntimo.

Nesse mesmo pensamento, os homens idosos pesquisados por Goldenberg (2015, p. 85), no Rio de Janeiro, afirmam não conseguir viver sozinhos diante da morte da companheira, desta maneira mostrando-se mais dependentes,

[...] Portanto, pode-se pensar que não é apenas em função do mercado de casamento favorável que os homens se casam mais quando mais velhos. É também porque eles precisam mais dos casamentos e da segurança familiar do que as mulheres mais velhas.

Segundo a autora, as mulheres em contrapartida não querem compromisso como nas relações anteriores, mas liberdade para fazer valer seus desejos.

O fato de ser mulher em campo foi uma das saias justas que me percebi (BONETTI; FLEISCHER, 2007). Desde o início da pesquisa busquei cuidar com minha aparência na tentativa de não incomodar tanto às idosas quanto aos idosos. Além disso, cumprimentava os idosos sem beijá-los, porque desde o início algumas idosas e idosos me advertiram que eu tomasse cuidado com alguns idosos que se “fingiam de bobos para tocar as mulheres”.

As recomendações dos residentes me ajudaram a ficar mais atenta, assim observando se de fato os idosos relatados tinham esse comportamento, o que foi confirmado. Os elogios por parte deles como “hoje você está um pitelzinho”, as tentativas em me beijar, surpreenderam-me, pois eu, sendo uma mulher de meia idade, em geral estou acostumada a ser chamada de senhora e no Abrigo Cuiabano pude perceber que alguns me viam como “menina”, termo utilizado por certos idosos para comigo.

Mais importante do que os constrangimentos que tive por ser mulher foi a acessibilidade junto às voluntárias, funcionárias e às idosas, assim me proporcionando olhá-las de “perto e de dentro”, conforme Magnani (2002), me levando a conhecer também um pouco dos relacionamentos entre os casais formados no Abrigo Cuiabano. Descreverei três deles.

Um dos casais já teve a experiência de viver no mesmo quarto, porém não foi bem-sucedida. A intimidade e cuidado recíprocos entre eles pode ser visto no dia-a-dia. Certo dia, enquanto eu estava conversando com o Ângelo, visualizei e registrei no diário de campo, uma cena dessas:

Vanda e Anael estavam sentados no pátio de frente um para o outro. Ela em uma cadeira de balanço e ele no banco de cimento com pequenas pastilhas laranjas que circundava um canteiro de folhagens o qual ele costuma aparar. Seus olhares se encontravam. A mão dele estava sobre a coxa dela e se movimentava conforme o vai e vem da cadeira...

O casal formado por Vanda e Anael passa boa parte do tempo juntos. Gostam de assistir televisão, fumar, fazer as refeições, entre outros. De acordo com Anael, o conflito principal entre eles se dá em razão dos ciúmes dela que acaba sufocando-o, pois ele tem que abdicar de fazer coisas que gosta, como tocar violão, no sentido de diminuir as brigas.

Podemos apreender na relação entre os casais reflexões sobre os corpos envelhecidos que, segundo Spinoza (2009), recusam-se a se disciplinar mediante as regras morais postas socialmente. Dado isso, penso eu, em caso de estarem sós, deveriam os velhos permanecerem deste modo por serem velhos ou por estarem vivendo em uma instituição?

Outro casal é formado por um residente solteiro Cristóvão e uma residente viúva Gertrudes. Segundo uma das residentes, Gertrudes e seu marido que era deficiente visual viviam juntos no Abrigo Cuiabano. Quando seu marido morreu, Cristóvão, que era amigo do falecido, “assumiu o lugar de companheiro” e passou a cuidá-la; segue trecho do diário de campo da época da Copa do Mundo de 2018:

O Cristóvão se aproximou e nos convidou para assistir o jogo com ele. Estava animado, perguntei sobre sua companheira. Disse-me que estava bem e descansando, que depois voltaria ao quarto para vê-la e que sua alegria na vida é cuidar da sua velha.

De acordo com Felipa, 66 anos e viúva, Genivaldo, 66 anos e solteiro, aproximou-se dela e propôs que namorassem. Ela aceitou a “proposição”, mas algumas vezes se arrepende porque ele é mulherengo e gosta de ficar de “prosa” com as funcionárias do abrigo. Eles possuem o voluntariado em comum, buscando ajudar no cotidiano do abrigo. Felipa realiza

tarefas na cozinha e Genivaldo se dispõe em afazeres como a retirada de decorações e o auxílio na limpeza. Entretanto, suas atuações diárias não ofuscam seus conflitos. Ela reclama diariamente dele, como no trecho de uma conversa informal:

Querida, ele não toma banho, como pode esse no calor de Cuiabá? Fica fedido. É difícil, ele não pede desculpa quando apronta, mas a gente perdoa... porque senão assim não tem casamento ... como vai acompanhar, né? Tem dias que quero ir embora porque fico triste com ele. (Felipa, conversa informal).

O cuidado dado tanto por Cristóvão quanto por Felipa aos seus companheiros parece mantê-los ativos diariamente, deste modo, evitando que permaneçam no ócio diário que a maioria dos residentes vive.

Seguem as trajetórias sociais dos quinze idosos, residentes no Asilo Cuiabano, selecionados para esta pesquisa, algumas detalhadamente pois foram contadas com fluidez permitindo-me que fossem gravadas, porém a maior parte delas foram construídas “a conta gotas”, pois falar de si mesmo, do tempo vivido, traz alegrias acerca dos feitos, mas também dores por vezes profundas.

Simona

85 anos e viúva, nasceu e morou a maior parte da vida no interior de São Paulo. É paisagista, espiritualista, cursou o ensino médio e está no Abrigo Cuiabano por sua escolha há 8 anos. Recebe visitas regularmente e está sempre de saia abaixo dos joelhos, blusa e nenhum acessório. Foi a primeira idosa com quem conversei.

Diz pertencer a uma família abastada de São Paulo, utilizando-se de sua condição financeira privilegiada para ajudar seus pares e trazer bem-estar à sua velhice, a exemplo, pagando consultas médicas quando necessita, indo à supermercados comprar alimentos que gosta, itens que outros idosos precisam, entre outros.

Relatou ter adotado quatro irmãos órfãos de mãe, cujo pai os deixou no orfanato e partiu pra Portugal porque não podia cuidá-los devido a perda da esposa. Já adolescentes ela conseguiu contatar o pai, que estava com boas condições financeiras, então o convidou para vir ao Brasil. Quando ele voltou os quatro quiseram ir passar um tempo com ele no exterior. Hoje, fala com pesar sobre o fato deles mesmo morando no Brasil não irem visitá-la no Abrigo Cuiabano.

Falou também sobre a importância do seu avô em sua vida, de como ele cuidava da natureza, da preparação da farinha bijú da sua mãe e de sua perda quando tinha cinco anos.

Quando tinha quatro anos ela teve um derrame e ficou sem falar por um ano. Então retornou a falar, mas logo teve outro derrame.

Desde muito pequena prestava atenção no que acontecia ao seu redor. Via seu avô e seu tio debaterem sobre questões espirituais e já percebia sobre o que lhe interessava. Morava na fazenda e frequentou a escola rural, depois, um colégio de freiras até os 16 anos de idade. Então foi para Araxá, MG, trabalhar com tratamentos com lama e ficou lá por quatro anos. Depois, estudou seis anos de paisagismo.

Casou-se com 19 anos, com um rapaz de Minas Gerais, que conheceu na casa de sua tia. Moraram em São Roque, SP, por vários anos. Tiveram um relacionamento saudável, porém ficou viúva aos 40 anos. A partir de então passou 21 anos dedicando-se a cuidar dos alimentos e do paisagismo de um espaço espiritual.

Contou que esses dias repreendeu o Aucio, pois ele tinha amaldiçoado o bebê que está na barriga de uma das enfermeiras. “Ele não é coitado!”. Diante desse comportamento Simona disse a ele que está pagando pelo mal que já fez e que ninguém é culpado pelos seus sofrimentos e limitações. Então ela colocou a mão na barriga da enfermeira e abençoou.

Simona fala que ela e a Vanda estavam conversando sobre o espiritual. Ela acredita que se tivesse colocado mais em prática o que aprendeu ao longo de 50 anos de estudo, já estaria mais evoluída. Conta sobre como as cores nos influenciam, sendo que para alcançar relaxamento a lilás é mais recomendada, para a mente e concentração, a azul. Afirma praticar o afastamento do corpo frequentemente, a ponto de os que estão à sua volta a tocarem e ela não sentir, pois não está lá mentalmente.

Disse sobre seu amor pela natureza, por isso não permite que ninguém corte a mangueira do centro do pátio do Abrigo Cuiabano, tendo anteriormente abraçado literalmente no intuito de que a outra administração da instituição não a cortasse. Entretanto, em sua ausência cortaram um pé de caju carregado de frutas graúdas. Diante disso ela foi tirar satisfações com a diretora e reafirmou que enquanto estivesse viva, a mangueira principal não seria cortada, e que eles pagarão no plano espiritual o mal que fez.

Revelou que não gosta de música alta e reclama dizendo que as pessoas que frequentam normalmente o abrigo acham que todos os velhos são surdos. Também que já viu muita coisa no Abrigo Cuiabano, a exemplo, os idosos serem amarrados para não darem muito trabalho ou punição, como deixar o idoso sentado por uma hora sem agasalho no frio. Ressalta, que atualmente essas práticas foram extintas.

Eu a vi por poucas vezes de calças. Ficou sorridente quando mostrei as fotos das borboletas que nasceram em casa, sugestão que acatei dela, em não matar as lagartas. Depois me ensinou fazer enxerto. Simona também disse que alguns idosos haviam saído, que não gostaria de ter ido com eles, pois dão muito trabalho, porém, antes, quando se sentia mais forte, o fazia.

Ângelo

83 anos e viúvo, é cuiabano, raizeiro e vendedor. Também protestante e cadeirante, cursou o Ensino Fundamental I e está no Abrigo Cuiabano há cinco anos por sugestão dos filhos cuja visita é inconstante. Há sete ou oito anos teve derrame. Quando isso aconteceu viveu com as duas filhas, então uma delas lhe disse que o irmão tinha arranjado um lugar para ele ficar. Ele tinha ouvido falar que a instituição não era boa, mas quando chegou foi bem recebido. Está há mais de dez anos viúvo. Acredita em milagres, que vai voltar a andar. Gosta de sair, pois diz que “dá gastura” ficar sentado e anseia passear novamente na Chapada do Guimarães, MT.

Falou que dá para os filhos o dinheiro que lhe sobra da aposentadoria, pois não precisa de nada já que no abrigo tem o que lhe é necessário e se deixar guardado em seu quarto pode sumir, como já aconteceu. Falou mais uma vez a respeito da falta que sua esposa lhe faz. Também da educação que deu aos seus filhos, levando-os a se tornarem pessoas de bem.

Orgulha-se de suas carreiras. Trabalhou em diversas lojas em diferentes cidades. Como raizeiro costumava vender ervas medicinais pedalando pela cidade de Cuiabá com uma bicicleta cargueira de 10 a 14 km por dia. Até hoje o procuram no Abrigo Cuiabano para fazer garrafadas. As mais procuradas são para a mulher “procriar”, para curar “homem brocha” e para ajustar mulher “frouxa”.

Aprecia receber visitas e “prosear”. Em uma de nossas conversas fomos interrompidos por uma residente que me cumprimentou. Quando ela se retirou a face de Daniel estava mudada, então lhe perguntei se algo lhe aborreceu. Respondeu que gosta de conversar com os outros “olhando nos olhos” que deixou de ser possível ao dividir minha atenção entre ele e a residente.

Não gosta de pronunciar a palavra “esquerda”, pois acredita estar associada a coisas ruins. Há alguns amigos na instituição que costumam o ajudar em sua locomoção. Certa vez o vi gritando para um outro residente, então me aproximei dele e perguntei se precisava de ajuda. Disse que queria ficar perto do colega, que era surdo e por isso só conseguiam interagir quando estavam olhando um para o outro.

Cida

62 anos, solteira, nasceu e desde sempre morou em Mato Grosso. É doméstica, católica, cadeirante, cursou o Ensino Fundamental II/Educação Jovens e Adultos e está no Abrigo Cuiabano por não ter quem cuidá-la. Ressalta que não tem filhos e não quis ter. Tem um irmão que a visita não regularmente. Mostra-se atenta aos acontecimentos no Abrigo Cuiabano. Gosta de que coloquem sua cadeira na entrada do pátio ou próximo a farmácia.

Certo dia, logo na entrada do pátio principal estava Cida, a cumprimentei e começamos a conversar. Percebi que estava carente e sua pele ressecada. Perguntei se eu podia hidratá-la e ela aceitou. Passei um bom tempo com ela. Falei do projeto, a convidei para participar e ela aceitou contanto que ela não tivesse que sair do abrigo. Se emocionou ao falar do irmão que mora em Santo Antônio de Leverger, MT. Lá costumava trabalhar de doméstica e o estava fazendo quando deu o derrame.

Em uma das visitas, enquanto eu estava conversando com Ambrozino, ela me chamou e eu lhe disse que assim que terminasse iria atendê-la. Quando me aproximei pediu para eu hidratá-la. Falou que no domingo o irmão iria visitá-la. Tentei fazê-la rir, mas tive pouco sucesso. Ela reclamou que meu papo não terminava com o Isolino e eu lhe expliquei que ele estava me contando sobre sua vida, então seria falta de educação eu deixá-lo sozinho.

Cida quis que eu lhe fizesse uma massagem em seu braço direito, pois caiu da cadeira de rodas quando ia tomar banho. Segundo uma das cuidadoras ela se agita e grita facilmente se as coisas não ocorrem como quer, por isso caiu da cadeira. Esta senhora morena, sem acessórios nenhum, se mostra ciumenta pois não quer que eu dê atenção aos demais. Ama siriri, que é um tipo de música regional e prefere ficar a maior parte do tempo em seu quarto.

Isolino

61 anos e viúvo, exerceu várias profissões, entre elas lavrador. É católico, analfabeto, está no Abrigo Cuiabano há ano e pouco e já passou por outras casas de amparo. Seu lugar favorito na instituição é a entrada do pátio principal, pois gosta do ar fresco que corre pelo local.

É mineiro, mas aos 10 anos mudou-se para Mirassol do Oeste, MT. Sua família ajudou a fundar a vila de Santa Fé, MT, que é bem próxima a São José do Quatro Marcos cuja população em maioria é do Nordeste e produz o “Café Brasileiro”. Compartilha que tem uma irmã e um irmão que há tempo não vê. Seus pais os criaram com fartura, “mas o arreio virou para lá e para cá e eles se separaram”.

É moreno, magro e tem uma ferina na perna esquerda. Certo dia quando nos encontramos perguntei sobre seu pé. Então mostrou que em um deles a ferida tinha cicatrizado. Disse que a pomada parece não ser boa, que o que chega no abrigo é o “final”. Esse senhor de pele jovial está sempre de boné, camisa aberta, calça social e chinelos. Possui ótima comunicação e sorri com facilidade.

Falou de muitos conhecidos do passado, mas cada vez que eu trazia para o hoje ele retornava ao passado bruscamente. Se orgulha de sua habilidade em montaria quando jovem. Certa vez um toro o arremessou, então ele girou três vezes e caiu de pé. Acrescenta “Deus pôs a mão, Deus fala: “fazer sua parte que eu te ajudarei”, ao se referir ao tombo do boi. Daí eu o elogio por sua comunicação e aparência, e ele “nóis capricha na direção, nóis não é jogado”.

Teve cinco profissões, entre elas boiadeiro, padeiro e cozinheiro, a última foi a que menos gostou porque tinha que lavar a louça. Ao se referir ao ofício de padeiro, afirma gostava de fazer pão doido. Então me pergunta: “Conhece pão doido? É aquele sem miolo. Eu fazia. Sabe qual é o doce mais doce? É o doce de batata de doce. Esse também eu fazia. Já ouviu falar que o beijo era tão doce que chegou a açucarar?”.

Isolino sofreu um acidente de carro em que várias sacarias caíram em cima dele e cujo resultado foi a aposentadoria por invalidez. Teve três mulheres, mas não se casou. A primeira delas, largou-a três dias antes do casamento, pois ela achou ruim que ele tinha ido no baile com outras jovens. Com a segunda teve uma menina, mas o “recurso era ruim e ela faleceu”. Com a terceira ele a ajudou a criar o menino que ela tinha de um ano, que hoje é adolescente.

Possuía uma casa, mas a vendeu e gastou o dinheiro com várias coisas. Reclama do Abrigo Cuiabano, pois para ele lá é o lugar que mais falta material para seus curativos no pé. Afirma pagar duas mensalidades, uma para morar e a outra para os curativos. Não gosta de jogos nem de televisão. Não ajuda na instituição, pois “já pago, por isso não posso fazer nada”.

Ao perguntar se já se relacionou com alguém da instituição, ele diz que não, “que lá só tem curva no rio”. “Eu sou da democracia, falou de ignorância, eu tô fora, porque o pobre tem isso”. Essa fala se refere ao fato de não ter amigos lá. Contou ter ido a Chapada do Guimarães, MT duas vezes e lá lanchou, também no rio do Peixe, só não gostou do cinema.

Quer muito pegar seus documentos para partir para Mirassol do Oeste, porque “lá eu tenho conhecimento”, pois “aqui não adianta, tô sem rumo”. Foi um dos contemplados na cirurgia dos olhos e ao encontrar o Governador no evento pediu dinheiro para o Abrigo Cuiabano.

Nelson

72 anos, separado, oriundo do Paraná, lavrador, católico, cursou o Ensino Fundamental I e está no Abrigo Cuiabano há 20 anos. Tem duas filhas, netos e parentes em Foz do Iguaçu, PR. Gosta de estar lá porque mesmo sendo cadeirante, empurra a cadeira de rodas com a perna que o derrame não comprometeu, conforme já disse algumas vezes “ando por tudo”, assim, sentindo-se livre diante do amplo espaço da instituição.

Na maior parte do tempo da etnografia, na entrada, estava o Nelson conversando com o porteiro, então eu o cumprimentava e logo depois lá estava ele próximo a mim para levarmos uma conversa com palavras e gestos. Dos dois porteiros “Josias” o conhece bem de perto, fala do Nelson carinhosamente e me deu informações sem mesmo eu pedi-las.

Quando lhe falei sobre o meu trabalho e o convidei para fazer parte. Ele me mostrou a garganta e eu lhe disse que podíamos continuar conversando com gestos e algumas palavras, como estávamos fazendo. Ele expressou que achava que não era possível, então lhe falei sobre tudo o que já tinha me contado a seu respeito, então sorriu e disse “NOSSA!”.

Nossa comunicação foi de grande desafio para mim, pois o câncer em sua garganta levou a perda parcial da voz. Sempre que me tentava dizer algo, eu repetia para ver se eu tinha entendido o que ele queria dizer.

A alegria, bem como a resiliência deste senhor de pele clara, estrutura física forte, cabelo bem baixo e sempre sorridente, é atípica diante do sofrimento que experimenta no braço afetado pelo derrame diariamente. Além do mais, recentemente operou pela segunda vez o câncer na face que o levou a perder parcialmente o nariz.

Sofreu um derrame e depois disso precisou de cadeira de rodas, pois a perna e o braço direito ficaram comprometidos. Ele diferentemente da maioria dos idosos que teve derrame, colheu dissabores do lado direito. Se alegra ao afirmar que consegue ir no banheiro sozinho e tomar banho.

Está há 20 anos no Abrigo Cuiabano e não ajuda nas atividades cotidianas porque está pagando para estar lá. Não gosta de jogos ou passear. Só sai da instituição para visitar os filhos ou para ir no médico. Gosta de conversar com Simona, Clóvis e especialmente com Clélia que veio a falecer em janeiro de 2019. Disse que não desanima. Que todo dia anda com a cadeira. Entretanto, após a perda de Clélia passou dias em seu quarto, sua face ficou entristecida, o olhar tinha perdido o brilho.

Clóvis

62 anos, separado, mato-grossense, lavrador, cadeirante e está no abrigo há quatro anos por sugestão dos filhos cuja visita é inconstante. Nasceu em Aguaçú, distrito da Guia, MT, e embora se considere católico gosta de ouvir sermão de pastores no rádio à pilha que carrega consigo na sua cama de rodas.

Quando criança cursou finalizou o Ensino Fundamental I e já adulto, após a separação finalizou o Ensino Fundamental II. Afirma ter “parado com o coração partido”, pois o acesso à escola era difícil e, como estudava a noite, piorava isso.

Casou-se com 20 anos, e sua cômjuge 18 anos. Tiveram cinco filhos, porém a mais velha morreu de anemia. Há oito anos se separaram, mas a amizade continua. Quando sofreu o acidente, ela foi visitá-lo no hospital e o levou para casa dela e cuidou dele por mais de um ano. Está há três anos e oito meses no abrigo. Sua mãe era professora e seu pai garimpeiro.

Vaidoso, com pulseira e corrente diariamente. Estava deitado com um rádio próximo de si e me disse que a música o ajuda a passar o tempo. Me falou sobre suas duas filhas e dois filhos, sendo a mais nova, de 18 anos e estudante universitária.

Diz ser bem tratado no Abrigo Cuiabano, porém que alguns pertences costumam sumir, como uma camiseta de time que ganhou e deixou sobre a cadeira em seu quarto e ao voltar não encontrou mais.

Sobre a juventude disse que era namorador e por isso casou cedo. Alegrementemente contou que tinha tido um sonho lindo: “Sonhei que estava andando de novo”, pois acredita que isso um dia pode acontecer. Atualmente ele não sente nada da cintura pra baixo.

Compartilhou que um de seus filhos que mora na comunidade de Água Fria, há 50 km de Cuiabá, MT. As vezes se chateia porque demoram para lhe servir o lanche, tendo em vista ficar a maior parte do tempo deitado.

Karina

Sexo feminino, 64 anos, viúva, nasceu em Minas Gerais, entretanto morou a maior parte da vida em Cuiabá. É vendedora, se considera católica, protestante e cantou por um tempo no coral da igreja católica matriz. Gosta de ir ao culto quando há no Abrigo Cuiabano.

Uma mulher elegante, foi a percepção que tive de Karina ao vê-la de longe. De fato gosta de se maquiar, fazer as unhas, colocar roupas combinando segundo seu gosto, entre

outros. Segundo Karina, antes do derrame gostava de passear nos shopping centers de Cuiabá para comprar roupas novas e doar algumas de seu guarda roupa.

Cursou o Ensino Fundamental II e está na instituição contra sua vontade há 11 meses, por não ter alguém para cuidá-la tendo em vista que todo seu lado direito foi comprometido por um derrame há oito anos. Não gosta de falar do percurso que fez até chegar lá. Compartilha que foi tratada pior que um porco, que foi traída pelos que ela confiava. Reclama da família.

Contou que tem uma neta polaca de dois anos que é filha do seu filho, quando tento obter mais informações ela fica alterada e afirma não querer lembrar disso e fala “não sei porque toquei nesse assunto”. Tem vontade de voltar para sua casa e pretende fazê-lo. Reclama da memória e diz que não gosta de pedir ajuda, pois muitas pessoas não gostam de ajudar “prefiro implorar pra Deus”, mas para os homens não.

Divide o quarto com mais três mulheres. Porém não tem amizade com elas, sequer com as demais residentes. Normalmente se senta na ala masculina. Me mostrou um sapatênis que havia ganhado e pediu se eu poderia lhe conseguir uma mala com chaves para guardar seus pertences, pois é comum o sumiço das coisas dos idosos.

Aucio

70 anos, viúvo, nasceu em Iporá, GO, e acabou de ser criado em Poxoréu, MT. Foi garimpeiro e lavrador. É católico, cadeirante, analfabeto e está no abrigo há cinco anos por não ter quem cuidá-lo. Tem três filhos que as vezes o visitam.

Contou-me que antes de ir para o Abrigo Cuiabano, certo dia, estava na praça Ipiranga quando passou mal, foi até a farmácia mais próxima e mesmo com a pressão alta o farmacêutico se negou a vender o medicamento. Ao sair de lá continuou a passar mal, assim sendo voltou para farmácia onde aferiram sua pressão que estava ainda mais alta. À vista disso lhe deram remédio na tentativa de abaixá-la. Ele disse que “foi bom, mas era tarde demais!”

Quando melhorou pegou um ônibus e foi para sua casa, a partir disso, começaram as sequelas, cada dia ficando pior. Na época morava de aluguel e como ficou sem condições de trabalhar, portanto, pagá-lo, os proprietários lhe colocaram juntamente com seus pertences em um “puchadinho” onde sofreu com as chuvas e os estragos decorrentes destas. Outras pessoas vendo a sua piora o levou para o pronto socorro. Neste tempo todo ele não se lembrava de endereços, telefones, nomes dos filhos, dentre outros. Então como ninguém o foi buscar, permaneceu lá por seis meses, até que uma assistente social o encaminhou para o Abrigo Cuiabano. Diz que está feliz lá, pois tem todas as refeições e sente bem cuidado.

Este senhor magro, de pele clara e poucos dentes somente na parte debaixo passa a maior parte do tempo enxugando os olhos. Durante o dia prefere ficar com sua cadeira na entrada do pátio principal porque lá bate mais vento.

Teceu também sobre suas aventuras no garimpo tendo encontrado 60 quilos de ouro. Há um tempo atrás reencontrou um casal que veio fazer visita no abrigo que são da mesma época do garimpo. Viveu por nove anos com a esposa, pois afirma que se não fosse a morte dela, acha que a “gente tava junto até hoje”.

Benícia

62 anos, viúva, nasceu e desde sempre morou em Mato Grosso. É doméstica, protestante, cursou o Ensino Fundamental I, está no Abrigo Cuiabano há dois, pois não queria ficar sozinha. Recebe visitas regularmente por uma de suas noras e os dois filhos, sendo que um mora em Cuiabá e o outro no interior. Verbaliza com fluidez a respeito de quem gosta, como a cuidadora Daisinha e também de quem não simpatiza, que é o caso da Nilha por ela ser muito brava.

A princípio Benícia disse que não queria participar da pesquisa porque não gostava falar da vida, pois tinha perdido algumas pessoas e ela ficava triste. Para minha surpresa, alguns dias depois quando cheguei na instituição Benícia veio ao meu encontro e falou que queria fazer parte, que eu explicasse melhor.

Essa senhora morena, cabelo anelado, olhos tristes, está sempre de chinelos, vestidos e cabelos amarrados. Aos 11 anos foi morar com uma tia para tratar de anemia. Ficou hospitalizada por três meses e tomou bastante sangue. Foi criada na Igreja Católica, mas aos 20 anos se converteu. Na época já tinha os três filhos homens. Seu marido bebia muito e faleceu precocemente. Então sua sogra pegou seus filhos para criar porque ela ficou mal com a morte do marido, “sentia tristeza”.

Morou em Rondonópolis, MT, por um tempo. Recebe pensão do marido. Depois disso, sua neta foi morar na casa dela e está até hoje lá. Quando pergunto por que não estão morando juntas, ela se cala. Conta que reza para o filho crescer na vida para a tirar de lá, pois seu filho disse que quando melhorar a situação, ele vai fazer um lugar para ela morar com ele.

Gosta de orar, louvar e dançar. Sempre que toca uma música e a agrada ela começa a balançar seu corpo. Ao perguntar se ela arranjou outro companheiro, disse: “Deus escolheu o que eu escolhi para casar”, então fica assim (aparentemente desejando encerrar), mas em seguida conta sobre um senhor que vai buscar a filha que trabalha no abrigo e que eles já

conversaram e se abraçaram na praça. Conta novamente que reza para “o filho crescer na vida” para a tirar de lá.

Gracindo

90 anos, viúvo, paulista, motorista, católico, cursou o Ensino Fundamental I e está no Abrigo Cuiabano há 18 anos por vontade própria. É baixo, sorridente e de pele viçosa. É um dos idosos mais velhos e mais lúcidos do abrigo, assim realizando sozinho as atividades do cotidiano.

Gracindo sai do abrigo quando quer comprar algo e é normalmente levado pelo transporte da instituição. Gosta de participar dos passeios e de conhecer pessoas, porém não de falar sobre sua esposa que morreu.

O dado acima se aproxima aos levantados por Rozendo e Donadone (2017) acerca da autonomia dos idosos ao que tange a idade em uma ILPI localizada no interior de Mato Grosso. A pesquisa trouxe à baila que a maioria dos residentes totalmente independentes tinha entre 79 anos; enquanto aqueles totalmente dependentes se aproximaram a metade dos idosos.

Durante o tempo de instituição sempre gostou de cuidar dos outros idosos, bem como “capinar⁴” junto a horta, contudo, aos 90 anos, sente que suas forças não são as mesmas, principalmente ao que tange sua perna entortada que o tornou deficiente, tendo dificuldade e dores ao caminhar, isso fruto de um acidente há um pouco mais de 20 anos em uma madeireira.

Quando criança era sapeca e na adolescência não queria obedecer muito, então seus pais o mandaram para morar com um tio no Sul. É natural de Tanabi, SP. Viveu em Presidente Prudente, SP, e trabalhava como taxista. Ficou viúvo precocemente, casando-se novamente e separando-se mais tarde. Tem duas filhas e um filho que vivem longe de Cuiabá.

Vanda

66 anos, separada, nasceu em Minas Gerais, entretanto morou a maior parte da vida em Cuiabá. É artesã, se considera parte Católica, parte Espírita, cursou dois anos de curso superior e está no Abrigo Cuiabano por sua escolha há quatro anos.

Falou-me sobre a visita de sua mãe e irmã no final do ano e como ficou feliz com a surpresa delas. Também da decepção com irmã ao prometer que a buscaria no outro dia para passear com ela e não apareceu. Ainda sobre seu desabafo sobre deixá-la esperando, então a

⁴ Retirar capim de (terreno, plantação etc.) usando enxada ou afim. Limpar (terreno) de mato, ervas daninhas etc.

irmã se desculpou. Também contou sobre seu primeiro marido com quem viveu um ano e sobre o segundo marido, que também está na instituição, mas não o cumprimenta porque ele não quer dar o divórcio. Ainda sobre seus dois filhos que teve com namorados e do seu namorado atual o Aúcio a quem me apresentou como amigo.

Um outro fato compartilhado foi acerca da evolução enquanto ser humano, ela afirma que não tem paciência de ficar perto dos residentes que não conseguem se comunicar. Outra dificuldade relacional que encontra é acerca da forma das pessoas se comunicarem diferentemente da norma culta. Quando era casada e morava com seu marido e cunhada não suportava “o sotaque cuiabano da cunhada e a sua fala errada”, assim como as amizades que ela tinha com pessoas com características semelhantes a ela.

Com a dificuldade de relacionar-se diariamente com a cunhada e sentindo-se despojada pelo marido os deixou e foi junto ao poder público pedir uma vaga em uma ILPI. Após um ano a cunhada faleceu, o marido então ficou doente e sem ter outros familiares que quisessem cuidá-lo colocaram-no na mesma instituição. Hoje, compartilham o espaço em comum com seus pares, entretanto não maritalmente e nem mesmo são amigos pois ela guarda mágoas do tempo que era costumava paquerar outras mulheres mesmo estando com ela. Há poucos dias o convenceu a lhe dar o divórcio haja vista estar se relacionando com outro idoso desde sua chegada na instituição.

Fala da queda financeira de sua família em sua adolescência e que isso lhe foi muito difícil a ponto de cortar seus pulsos aos 15 anos e tentar o suicídio outras vezes. Diz que gostaria de ter um apartamento só seu, mas que pudesse ter uma funcionária, pois de outro modo prefere ficar onde está em que tem todas as refeições, roupa limpa, entre outros. Também de sua inabilidade para afazeres domésticos, pois seus pais não lhe ensinaram, exemplifica já ter passado fome por não saber preparar comida, nem tão pouco lavar roupas.

Júlio

74 anos, solteiro, mato-grossense, lavrador, católico, cursou o Ensino Fundamental I e está no Abrigo Cuiabano há 24 anos por vontade própria. Nasceu e se criou perto da Guia, MT. Trabalhou na fazenda e no garimpo desde a adolescência até os cinquenta anos. Está sempre de roupa social, chinelos e bem à vontade sentado com perna em cima da cadeira.

É aposentado...

[...] fui aposentado para ajudar na casa, nunca recebi nenhum centavo. Mas o que velho quer com dinheiro? Só para comprar coisa que faz mal como o

cigarro. Tinha uns três aqui que morreram disso. Aqui tem tratamento, quando você morre, tem enterro, tem caixão. Eu não tenho vício nenhum.

Quando lhe pergunto se foi casado, diz que é solteiro e que com as pessoas do Abrigo Cuiabano é “só consideração”, pois se considera amigo de todo o mundo. Compartilhou que tinha um “desassossego que o levava a sair andando a qualquer hora do dia”. Ao perguntar se gostaria de voltar a morar onde vivia antes, responde: “Se lá prestasse eu não tinha vindo, larguei de mão, cansei de andar!”

Este senhor de pele e olhos claros, magro, alto e com poucos dentes, surpreendeu com sua habilidade em se comunicar. Fala-me sobre os 300 anos de Cuiabá, sua origem e um pouco do Brasil. Conta que várias pessoas tenham morrido desde que chegou no abrigo há mais de 20 anos, mas que há algumas pessoas vivas da mesma época que ele.

Nildes

66 anos, viúva, nascida e criada na Serra de São Vicente, MT. É católica e analfabeta, e está no Abrigo Cuiabano há dois anos. Tem três filhos e um namorado que conheceu lá. Um deles a internou na instituição enquanto ele constrói um lugar perto dele para ela morar.

Antes, costumava morar sozinha até que um dia dois ladrões invadiram sua casa durante a madrugada e roubaram boa parte do que possuía. Ao acordar com o barulho, ela se escondeu em um cantinho e lá permaneceu até que os ladrões partissem.

Essa senhora de fala branda é morena, magra, baixa e gosta de pintar as unhas. Embora não goste muito de morar lá, procura ocupar seu tempo ajudando diariamente na cozinha. Gosta de passear e anseia a ter uma casa só para si novamente.

Certo dia quando eu estava conversando com um idoso ela se aproximou e começou a desabafar sobre seu namorado, porque de manhã o tinha visto se engraçar com outra residente. Estava muito chateada pelo fato dele ter a procurado para um relacionamento e agora a desprezitar. Afirma que quer ir embora porque não merece o que ele fez.

Ao falar sobre o tempo que viveu na serra se alegra e seus olhos enchem de lágrimas. Contou que gostava de andar pela mata e nadar nas águas termais onde hoje é o Hotel Fazenda Mato Grosso.

Nilha

92 anos, viúva, nasceu em Goiás. É costureira, católica, analfabeta e está no Abrigo Cuiabano aguardando sua filha que a internou buscá-la há três anos. É uma senhora de pele clara, com a pele manchada pelo sol, de andar vagaroso, bem falante e gosta de se enfeitar com tiaras, brincos, correntes, anéis e unhas pintadas.

De acordo com Nilha, ela veio para a instituição no intuito de cuidar dos olhos, pois onde morava não tinha tratamento. Tem uma filha biológica que já trabalhou lá. Quer muito voltar para sua terra, mesmo sendo bem tratada pelos funcionários. Gosta de rezar para muita gente.

Passa a maior parte do tempo em companhia de Justino, que é mais novo que ela. Embora não assumam o namoro costumam andar de mãos dadas e cuidar um do outro. Segundo Nilha, ela prometeu a um dos filhos de Justino que cuidaria dele e assim o faz.

Conforme a fala de uma das residentes certa vez ela incitou Justino a “tirar satisfação” com Aucio e essa conversa acabou em agressão física, sendo o Aucio levado para a cadeia.

Vicente

78 anos, viúvo, goiano, católico e aposentado. Frequentou a escola até o Fundamental I. Teve dois filhos com sua primeira esposa que morreu com 38 anos e por isso criou seus filhos sozinho. Gosta de passear e está sempre de bom humor.

Quando chegou no Abrigo Cuiabano há seis anos conheceu uma senhora com quem casou-se, segundo ele “foi uma festa só, a instituição ganhou uma vaca que foi servida na festa”. Infelizmente a companheira já estava um pouco doente e veio a falecer.

Conversa calmamente, é alto, forte e moreno. Passa boa parte do tempo na companhia da Vanda, em alguns dias do café da manhã, banho de sol, ao lanche da tarde. Tem a origem em comum, então afirmam gostar da companhia um do outro. Outro amigo é o Angelo. Os vi conversando algumas vezes. Também o Vicente ajudando na locomoção do amigo que é cadeirante.

Além das pessoas, os cachorros e gatos são tomados pelos idosos também como moradores. Há uma cadela de porte médio e pelo curto nomeada como “Queen” e outro cachorro pequenino. Além deles existem vários gatos, todos de aparência saudável pois são cuidados por vários residentes.

3 ENVELHECIMENTO: PERCURSO HISTÓRICO

“[...] os idosos não são ‘um problema’, mas uma riqueza da humanidade e para a humanização da sociedade brasileira.” (SOUZA *et al.*, 2011, p. 208).

Neste capítulo escrevo a respeito da “velhice” enquanto noção social e categoria de análise antropológica com ênfase nos estudos urbanos brasileiros e algumas intersecções abordadas nestes. Também trago a memória como dimensão importante a ser trabalhada dentro da temática do envelhecimento no contexto asilar. Por fim, desenvolvo o conceito de instituição, entre elas a família e o Abrigo Cuiabano enquanto lócus de pesquisa e lugar de encontro de sujeitos trazendo consigo suas trajetórias, da família à uma Ilp.

As etapas do ciclo de vida das pessoas têm recebido valorações diferenciadas ao longo da história. De acordo com Debert (2006), para a antropologia, criança, velho, mulher ou homem são categorias sociais e não biológicas. Por essa razão, há uma enorme variabilidade do processo de envelhecimento em diferentes culturas.

Britto da Motta (2010, p. 226, grifo do autor) tece a respeito de como as sociedades complexas chegaram às classificações etárias:

É que historicamente a sociedade, a par de ter-se desenvolvido tendo a idade – e o sexo/gênero – como critérios fundamentais de organização e integração social, principalmente de participação na divisão do trabalho, foi construindo, ao mesmo tempo, formas organizativas outras que redundaram em discriminação, marginalização ou exclusão igualmente baseadas na idade – assim como em critérios relativos ao gênero. E de tal forma que, na modernidade, a vida social apresenta-se impregnada de etarismo (*ageism*) [...].

A temática da velhice, enquanto objeto de estudo, é relativamente nova no contexto da antropologia urbana. Segundo Barros (2006b, p. 9), somente na década de 1970 surgiram estudos dedicados à compreensão dos processos de envelhecimento, sendo a extensão da longevidade um fator responsável pelo desenvolvimento dessa área de estudos, “[...] pode-se dizer que a novidade do tema da velhice nos estudos antropológicos, sobretudo no Brasil, acompanha o próprio movimento de descoberta da velhice por parte da sociedade.”

A princípio, o envelhecimento esteve mais comumente presente nos estudos sobre família e quanto aos lugares de prestígio que as pessoas que a compunham ocupavam ao longo da história (ARIÈS, 1986). Este fato foi decorrente da influência expressiva dos estudos das sociedades tradicionais, cujo elemento antropológico central era o parentesco.

A década de 1970 foi marcada por muitas reivindicações acerca dos direitos humanos. Surgiram no Brasil debates sobre os idosos, alguns deles em torno da assistência governamental sobre o tempo de trabalho, o que levou à obtenção, entre outros ganhos, do aumento do prestígio enquanto aposentados (PEIXOTO, 2000).

Segundo Simões (2004), o recebimento da aposentadoria permitiu que os idosos passassem a desfrutar de uma velhice com novos papéis sociais, seja enquanto consumidor tendo um acesso maior aos bens de consumo, ou seja enquanto provedor, assegurando o amparo à família e seus componentes.

Uma das pioneiras nos estudos brasileiros sobre o envelhecimento é Myriam Moraes Lins de Barros. Em sua pesquisa de mestrado iniciada em 1975, intitulada *Testemunho de Vida: um Estudo Antropológico de Mulheres na Velhice* (1980), dedicou-se à compreensão deste período da vida entre mulheres idosas de 60 a 80 anos de camada de classe média no Rio de Janeiro cujas atividades não eram estritamente domésticas (BARROS, 2006a).

Outra autora de grande participação nos estudos sobre envelhecimento é Guita Grin Debert (2006), que alerta para algumas possíveis armadilhas que o estudo da temática apresenta para os antropólogos que pesquisam as representações e as práticas ligadas ao envelhecimento. A autora afirma que a velhice deve ser compreendida segundo o contexto temporal e sociocultural:

[...] a pré-modernidade, em que a idade cronológica seria menos relevante do que o status da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário. (DEBERT, 1999a, p. 73).

O “estilo unietário”, citado por Debert (1999a), parece remeter à noção de “ageless” de Goldenberg (2015), quando a autora se refere à qualificação daqueles que não concebem sua subjetivação mediante os anos de vida em que se encontram. Segundo Goldenberg (2015), é crescente o número de adeptos à não cronologização do viver, em virtude das constantes dinâmicas que as sociedades ocidentais tem experienciado, considerando-se que essas demarcações comportamentais etárias não são inerentes às sociedades tradicionais, pois há culturas em que a chegada aos quarenta anos de idade pode representar ser “o ancião”.

Ser idoso nas sociedades negro-africanas estudadas por Rifiotis (2006), nos exemplifica a questão acima acerca da percepção de culturas não ocidentais a respeito da classificação das etapas da vida. Mais especificamente para

[...] mostrar como aquelas sociedades desenvolveram uma noção de dinâmica etária que envolve uma etapa posterior à vida biológica e como ela é importante para a definição das estruturas de sociabilidade entre os grupos etários, sendo fundamental para a definição da condição de idoso. (RIFIOTIS, 2006, p. 86).

Na modernidade ocidental, os idosos passaram a existir enquanto grupo etário distinto e a experimentar os prós e contras advindos da cronologização do ciclo da vida. Beauvoir (1970) revela alguns dos sofrimentos que os idosos enfrentavam no contexto familiar bem como em outros contextos da sociedade, sendo ignorados, estigmatizados. Ao tornar público o maltrato aos idosos, passou-se a requerer do Estado medidas sociais para lidar com essa realidade, segundo Debert (1999a, p. 76), esse fato acabou por gerar ações afirmativas para os idosos “[...] a idéia [sic] de que o idoso é vítima da pauperização, um ser abandonado pela família e alimentado pelo Estado, foi fundamental na sua transformação em ator político.” Essa experiência pode ser vista em vários contextos sociais que fazem parte do *ethos* pós-moderno no curso de vida dos idosos:

[...] tratar do curso da vida pós-moderno exige a revisão da maneira pela qual um fato universal é explicado. A presença das diferenças de idade em todas as sociedades foi compreendida como fruto de uma necessidade da vida social, expressa em termos do processo de socialização. Assim como as várias capacidades físicas necessárias para o desempenho de determinadas atividades estão relacionadas a diferentes estágios de desenvolvimento biológico, pressupõe-se o aspecto cumulativo dos vários conhecimentos necessários ao preenchimento dos papéis sociais, cuja aquisição consome tempo e implica uma progressão etária. (DEBERT, 1999b, p. 75).

Recentemente, uma das mudanças relacionadas a novos estilos de vida de idosos foi o retorno ao contexto universitário. O trabalho da Universidade Aberta da Terceira Idade, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, abordado por Lima (1999), é proposta que intenciona atender a demanda de pessoas que buscam viver sua velhice e realizar sonhos que outrora não foram possíveis de serem realizados.

Uma expressão singular de realização de desejos na velhice que foram postergados por alguma razão é a da poetiza Cora Coralina (1889-1985) que, após a morte do marido, retomou a atividade de escritora. Então, retorna à Goiás em busca de inspiração no lugar conhecido da Cora menina, moça, mulher e agora idosa:

[...] hoje meus filhos moram todos em São Paulo e eu aqui. Nem eu tenho vontade de ir para perto deles, nem tenho vontade que eles venham para perto de mim. Porque acho bom assim. Não quero mais limitação na minha vida. Fui limitada na primeira infância, fui limitada de menina, fui limitada de adolescente, fui limitada de casada e não quero ser limitada depois de velha.

[...] [hoje] não me sinto livre, me sinto liberta. Não há nada que valha para mim a minha libertação. (CORA CORALINA, 1983, p. 10).

A perspectiva de sociabilidade que aqui é colocada se aproxima do que Velho (1986) trata em sua análise na tentativa de estabelecer pontes entre o subjetivo e o social. O autor fundamenta-se em Georg Simmel, em *On Individuality and Social Forms* (1971), que compreende a sociabilidade como um fim em si mesmo. O trabalho de Silva (2017), que descreve a rede de sociabilidades de homens e mulheres acima de 60 anos oriundos das camadas baixa e média da cidade de Cuiabá, traz um olhar sobre as representações sociais, gênero, e também as categorias da família, corpo, aposentadoria e tecnologia. Como conclusão, o autor pontua que os significados produzidos pelos velhos não são estáticos, mas reelaborados conforme suas trajetórias de vida.

De acordo com Peixoto (2000), desde o início do século XIX a sociabilidade em locais públicos aparece como elemento principal do envelhecimento entre os franceses. Nos Estados Unidos, as primeiras casas que abrigavam idosos datam do mesmo período.

A preocupação com a saúde dos idosos é objeto de estudo de variadas áreas. De acordo com Acosta-Orjuela (2001, p. 26), tanto os idosos em ILPI como os demais que vivem suas velhices em outros lugares, a televisão revelou-se a principal fonte de socialização que “[...] é entendida como um processo contínuo de aprendizagem social que ocorre durante o curso da vida [...]”. Também, é colocado que os idosos institucionalizados tendem a apreciar mais a televisão e isso pode ser um problema não só pelo tempo que os idosos passam sem interagir com pessoas, como também na má qualidade do que eles assistem.

Embora os dados acima sejam de mais de uma década, parecem-me importantes para a reflexão sobre as sociabilidades dos idosos no contexto asilar pois eles se contrapõem aos que observei em minha pesquisa. Dos 90 idosos assistidos pela instituição, a maioria não faz uso da televisão. Quando o fazem, geralmente é por períodos curtos em telejornais.

O fato de a maior parte dos idosos em meu trabalho terem sido criados na zona rural e não terem tido muito acesso a televisão pode ser compreendido à luz de que “[...] os padrões de uso da TV dos idosos são indicadores do que se passa no ambiente psicológico e na realidade social do idoso.” (ACOSTA-ORJUELA, 2001, p. 35). Assim, a televisão não parece ser um fator que prejudique a produção de sociabilidades entre meus informantes.

Ainda a respeito dos idosos do Abrigo Cuiabano não apreciarem muita aproximação com tecnologia foi o fato da maior parte deles não concordar que eu gravasse as entrevistas.

Também, esse fato se revelou na preferência dos passeios realizados pelos idosos, destes, o que menos agradou foi o cinema. A maioria deles afirma que quer voltar na Chapada, no rio Cuiabá, em suma, passeios com proximidade a natureza, com o local de origem.

A velhice institucionalizada também é abordada por Peixoto (2016) em narrativa fotográfica através dos relatos de quatro moradores de uma instituição pública no Rio de Janeiro. Nos dados colhidos pela autora é possível a compreensão de que a institucionalização da velhice está mais ligada ao isolamento social e familiar, ao invés de ser uma decisão pessoal e voluntária, pois muitas vezes os idosos diante da não possibilidade de familiares para ajudá-los em suas necessidades físico-emocionais optam por viver em uma ILPI.

3.1 Trajetórias: de Algum Lugar da Memória

Um dos recortes mais abordados nos estudos sobre envelhecimento é a “memória”. Esta categoria de análise tem sido fundamental em pesquisas em que se busca a historicidade de um grupo, instituição, entre outros. Eckert (2006, p. 204) aborda o fim de um modo de vida experimentado por algumas pessoas, assim como a importância de se registrar por meio das memórias dos idosos:

Pela memória, reencontram cotidianamente um sentido para a vida. A memória tem esse poder de reprodução do passado e de transformação do presente, um pouco espelho do passado, um pouco idealização de um devir coletivo. Porque se eles perderam espaços-referências de identidade, é no tempo que encontram um depósito-repouso para suas memórias, quando podem devanear em tempos imaginários, retrospectivos ou anunciadores [...].

A memória também é acionada em Eckert e Rocha (2017) através das narrativas pessoais das pesquisadoras Ruth Cardoso (1930-2008) e Eunice Ribeiro Durham sobre seus fazeres antropológicos os quais tiveram influência dos estudos da Escola de Chicago, que se refletiu em suas etnografias na cidade com ênfase no fenômeno urbano anos de 1960, sendo as temáticas principais a imigração, urbanização e industrialização. Esclarecem Eckert e Rocha (2017) que, para Cardoso e Durham, nas populações da nova realidade urbana, o mote ético era conhecer a si mesmo no outro, trazendo discussões sobre algumas dicotomias, como dominantes/dominados, índios/brancos, bem como minorias/instituições.

Com base em Neri (2001, p. 87) as narrativas pessoais:

Expressam-se pelo contar histórias ou “casos” e podem ser desencadeados por eventos internos ou externos. São estruturadas segundo esquemas sancionados

socialmente. Podem ser remodeladas várias vezes, e ter diferentes formas e desfechos, conforme o impacto que o narrador deseje causar no interlocutor. Podem referir-se à vivência de eventos de vida individual ou coletiva e como eles interferiram na vida pessoal.

Isto posto, em busca ao que o humano tem de próprio a cada lugar, Bosi (1994, p. 55) relata alguns dos aspectos recorrentes na vida e no papel dos idosos na sociedade paulista contemporânea através de suas “memórias sociais”: “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias [sic] de hoje, as experiências do passado [...]”. Isso se revela nas falas das idosas e idosos deste estudo que embora o enfoque seja nas sociabilidades do presente, constantemente as memórias são ativadas a partir de suas necessidades em falar de suas histórias de vida.

Para Halbwachs (2006), quando a pessoa aciona as memórias, essas são para além da ótica individual pois são constituídas por grupos sociais, assim tornando-se coletiva. Se há lembranças é porque faz parte do passado, de algo em que se viveu em grupo:

[...] diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

À vista dos conceitos elaborados por Halbwachs (2006), os idosos do abrigo ao falarem dos eventos passados na instituição, seja a respeito da direção passada, dos voluntários, dos estagiários, ou seja, sobre a estrutura de outrora, tecem um pouco de si mesmo que é construído no coletivo. Ainda ao falarem sobre suas trajetórias, essas memórias foram construídas com os idosos pertencendo a um grupo social como a família e a escola.

Giddens (2002) afirma ser a memória um tipo de narrativa biográfica em que a agência da pessoa está expressa. Deste modo, memória e identidade estão associadas intrinsecamente. Sua teoria da identidade perpassa pelo modo como as “[...] regras e recursos recursivamente implicados na reprodução de sistemas sociais [...]” são utilizados, ou seja, este mecanismo possibilita ao agente fomentar ações para alcançar seus propósitos (GIDDENS, 2003, p. 303).

Marcus (1991) parece se aproximar de Giddens (2003) quanto à tessitura da identidade. Para Marcus (1991) todas as identidades têm uma estratégia e são produzidas constantemente, pois, antropologicamente, a identidade é formada por várias conexões, apresentando-se como contrastante quando culturas opostas são analisadas.

Também parece haver algo quanto à subjetividade na identidade do idoso diante de alguns idosos acima de 70 anos acharem que seus pares que estão entre os 60 e 70 anos não deveriam estar no abrigo pois são muito jovens.

A vivacidade de certos idosos e idosas é um tema abordado por Motta (1998) e Alves (2004), ao pesquisarem a formação da identidade de idosas que têm nos cuidados com o corpo uma motivação para o fomento de suas sociabilidades, principalmente no contexto de danças de salão ou outros lazeres que expressam as “novas facetas sociais” além da esfera doméstica.

Motta (1998, p. 66), em seu estudo, dedica-se às mulheres de camadas populares em Porto Alegre, RS, e observa que em suas sociabilidades o corpo e a sexualidade são elementos centrais tanto no discurso como na prática dessas mulheres que, por serem idosas, não se diferenciam em muito a outras mulheres:

[...] Vaidade, conduta jovial, preocupação com a beleza, o uso de roupas mais coloridas, acessórios femininos, maquiagens e tinturas de cabelo fazem parte de sua bagagem como da de qualquer mulher de seu ethos, independente da idade.

Outras pesquisas assemelham-se ainda ao trazerem as mulheres além da representação vitimizada, mas no desfrute de uma etapa da vida em que podem se permitir vivenciar relações que talvez não tiveram oportunidade enquanto jovens como as idosas (BARROS, 2006a).

O estudo de Seeger (1980) com os índios Suyá (Kisêdjê) reflete aspectos ímpares da cultura ameríndia. Os idosos “wikényi”, estudados pelo autor, não parecem vivenciar situações vexatórias semelhantes aos de algumas sociedades ocidentais, pois adquirem prestígio e liberdade para se comportarem de maneiras que enquanto jovens não podiam, como fazer brincadeiras em público.

3.2 Instituições: Cuidado, Conflito e Violência

A família é a primeira instituição a que a pessoa faz parte, contexto que pode incluir relações de cuidado, conflito e violência, independentemente da idade em que cada pessoa se encontra. Idosas e idosos podem não encontrar apoio na família em sua velhice. De fato, dos idosos pesquisados, alguns perderam contato há muitos anos com os familiares, outros se afastaram da família porque não se sentiam respeitados entre eles, razão pela qual consideram família aqueles com quem escolheram estar para passar a última etapa da vida.

Simona é uma dessas pessoas que decidiu viver em uma ILPI contra a vontade da “família espiritual” que representa todas as pessoas espiritualistas do grupo que faz parte, para Simona seus (as) filhos (as), netos (as) e bisnetos (as) pois ela é a anciã deste grupo. Conta que se afastou há vários anos da família de origem, pois não respeitavam sua crença, assim, as pessoas com quem compartilha a mesma crença se tornaram a referência de família fora do abrigo Cuiabano.

Segundo Simona, a família com quem escolheu viver é a “família real”, já que você seleciona com quem quer estar. Neste sentido, além da “família espiritual” ela tem a família do abrigo que engloba residentes advindos de diversas famílias, pois cada pessoa tem sua origem em um grupo social, então ao viver em um abrigo passa a fazer parte de um novo grupo, agora o de pessoas institucionalizadas compartilhando o cotidiano, a vida na velhice e a morte. Assim, a cada idosa (o) que chega torna-se um residente, mas também um (a) “adotado (a)”, de acordo com o discurso da instituição. A família “por escolha” ou “adotiva” é fomentada em uma mensagem no site da instituição referente ao Dia do Amigo em 2018:

20 de julho

Dia do Amigo

Sem você amigo não teríamos em perfeito funcionamento este abrigo.

A Diretoria do Abrigo Cuiabano, acolhe você neste dia com os agradecimentos pelo tanto que nos tem auxiliado, pelo bem-estar dos Idosos que sem família tem em todos nós e em você a família adotiva.

A atenção acerca da violência ao idoso nas relações intergeracionais tem sido dada por autores como Britto da Motta (2010), Camarano, Kanso e Pasinato (2004), Debert (2001), Debert e Gregori (2008), Faleiros (2007, 2009) e Minayo-Gomez e Thedim-Costa (2003). Estes trazem que a violência à mulher pode percorrê-la nas diferentes fases de sua vida. Sendo que

[...] a violência contra as mulheres não se restringe à vitimização daquelas em idade jovem, no período reprodutivo, como retrata a grande maioria dos trabalhos e assumem as instituições sociais. Ao contrário, essa violência continua e ganha novas formas velhice adentro. Sendo, neste caso, a expressão gritante das relações intergeracionais, tanto quanto das relações e desigualdade de gênero, porque exercida, como começam a demonstrar as pesquisas, majoritariamente por filhos, filhas e netos sobre suas mães e avós. (BRITTO DA MOTTA, 2010, p. 236).

Mesmo com todos os direitos conquistados através do Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741/2003)⁵ as pessoas acima de 60 anos ainda estão sujeitas a situações de desrespeito a sua condição humana (BRASIL, 2003). A violência é uma dessas formas de coerção, seja o que tange o psicológico ou o físico dessas pessoas. Neste sentido conviver com familiares não necessariamente assegura uma velhice com cuidados.

Segundo Barker (2009), os idosos com mais saúde nas sociedades complexas tendem a ser mais prestigiados do que aqueles que dependem financeiramente dos familiares ou são acometidos por enfermidades. No mesmo segmento, Goldenberg (2015) pontua que o fato das pessoas terem filhos não assegura uma velhice menos solitária ou mais amparada. Pelo contrário, segundo a autora, a maior parte da violência contra o idoso ocorre no ambiente doméstico, assim sendo seus agressores, os que supostamente deveriam cuidá-los.

Em uma entrevista às pesquisadoras Flávia de Mattos Motta e Rozeli Porto realizada em São Paulo, em 7 de dezembro de 2004, Guita Debert traz dados acerca da violência geracional quanto ao gênero:

Rozeli Porto: Existem diferenças, ou seja, especificidades de gênero no caso da violência contra idosos?

Guita Debert: Os dados revelam que a mulher é mais vítima que o homem, mas a diferença não é expressiva, na medida em que os homens são vítimas também, tanto dos filhos como das filhas, e o que chama a atenção é o fato dos filhos morarem na mesma residência. Mais do que o gênero, portanto, o que pesa é a moradia, é o arranjo doméstico, domiciliar. É claro que estou falando de ocorrências levadas às delegacias. (MOTTA; PORTO, 2006, p. 125, grifo do autor).

A violência geracional pode ser reverberada em atitudes que aparentemente sinalizam cuidado aos mais velhos, a ponto de os idosos por vezes terem dificuldades de impor limites em seus sucessores. Heck e Langdon (2011) observam que em uma comunidade do sul do Brasil há filhos que acompanham suas mães no recebimento das aposentadorias e se apropriam dos valores, argumentando que isso se faz necessário em razão de viverem junto e cuidarem dos familiares aposentados.

Os idosos com situação financeira privilegiada tendem a se sentirem menos seguros devido aos bens de consumo que os cercam. O estudo de Eckert (2011) retrata a insegurança de idosos de classe média de Porto Alegre, RS, em viver no contexto urbano com o aumento da

⁵ Lei n. 10.741/2003: capítulo II - Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade, artigo 10, “§ 3º - É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.” (BRASIL, 2003).

violência, gerando uma organização social sob as lentes da violência em detrimento das relações espontâneas de outrora que são revividas pelos idosos através da memória.

3.2.1 Asilo e/ou exílio

Como citado anteriormente, a cronologização das fases da vida nas sociedades ocidentais levou as pessoas acima de 60 a serem consideradas incapazes nas diversas áreas de suas vidas, assim sendo excluídas em diversos contextos sociais, o que culminou na dependência financeira da família. Na ausência desta, muitos desses idosos sem prestígio social acabaram nas ruas, deste modo gerando a demanda por instituições que os abrigassem.

Se por um lado a criação da instituição asilar se faz a partir de uma necessidade da sociedade em amparar os idosos em situação de vulnerabilidade social, proporcionando-lhes uma finitude de vida amparada, por outro, essas pessoas perderão o convívio constante com a sociedade a partir do momento que a adentrarem.

Neste sentido, a classificação de Goffman (2001) acerca das instituições totais permite que as entendamos enquanto locais em que a pessoa não tem liberdade de ir e vir, o que para o autor gera a degeneração do eu, considerando-se que este passará a vivenciar o coletivo no cotidiano asilar, sendo assim a sua individualidade desconsiderada. Esse processo, segundo o autor, é permeado pela violência simbólica, sendo esta estendida à naturalidade com que o maltrato e o desrespeito dos idosos são tratados pelos diferentes agentes que atuam no local.

O trabalho de Elias (2001) se aproxima do de Goffman (2001) no que tange ao relato dos dramas dos idosos institucionalizados, a exemplo o abandono dos familiares/parentes que podem levá-los a se sentirem isolados do mundo exterior ao abrigo em que viveram grande parcela de suas vidas. Outro aspecto abordado por Elias (2001) acerca do contexto asilar está na maneira de como os idosos se percebem, são percebidos e tratados pelas pessoas, sendo o acolhimento para com eles fator influenciador para seu bem-estar, assim corroborando para com o sentimento dos moribundos de que não causam embaraço aos vivos. Segundo Elias (2001), a ausência dos familiares acrescido de não relacionamentos com seus pares e outros agentes do contexto asilar pode levar ao isolamento e este, à uma morte precoce.

Para os idosos mato-grossenses pesquisados por Passamani (2016), o asilo não somente é remetido à uma instituição total como também à morte social pois principalmente restringirá o desfrute de suas sexualidades. O autor tece uma análise acerca da maneira que esses idosos e

idosas homossexuais rememoram as etapas da vida, suas representações sobre a velhice, bem como a ressignificação da sexualidade, do espaço social e as situações que o permeiam.

Cabe ressaltar que as instituições totais observadas por Goffman (2001) são uma das possibilidades na percepção de como se dão as relações de poder em instituições de longa permanência. Outra face deste contexto está no trabalho de Debert (1999a, p. 100) em que um dos lócus de pesquisa é um abrigo do estado de São Paulo cujo “[...] cotidiano com o qual nos deparamos está longe de ser, quer a manifestação da suposta experiência de solidão, quer um momento de desprendimento dos valores e angústias”.

Os conflitos inerentes ao processo de socialização humana são tomados enquanto dramas sociais por Turner (2008). Baseando-me no autor, estes acontecem nos processos de ruptura, crise, reparação e reintegração estrutural social simbólica. Na extensão dessa concepção para a realidade dos idosos institucionalizados, o drama vivido por eles estaria na ruptura de um viver com a família ou até mesmo sozinho, ocasionando na crise em sua existência humana enquanto idoso que necessita de cuidados. Assim, a reparação se daria no acolhimento de uma ILPI que propiciaria sua reintegração entre seus pares, reencontrando um lugar social simbólico que é o pertencimento a uma nova instituição.

Na medida que surgiu o aumento da demanda de instituições para abrigar idosos, também emergiram estudiosos interessados a compreender este fato socialmente, os gerontólogos. Esses profissionais a princípio atuaram por meio de grupos de trabalho no sentido de desenvolver regras a serem cumpridas no âmbito mundial. Essas agências verificavam as ações direcionadas aos idosos nesses asilos.

Cohen (1998) tece críticas a tais ações pois os gerontólogos queriam aplicar os padrões de velhice de países ocidentais como os Estados Unidos da América para outras sociedades como a República da Índia, assim desconsiderando as particularidades locais como a inexistência da velhice enquanto período de vida. Em sua discussão sobre o surgimento de asilos na Índia, o autor observa que “[...] esses asilos têm muitas características estruturais em comum com os do Ocidente, inclusive a conhecida narrativa de que um asilo é um lugar terrível para se acabar a vida [...]” (p. 105).

No Brasil, discursos semelhantes ainda tem representatividade, principalmente pelo baixo investimento que o Estado em suas instâncias aplica. Conforme Camarano e Mello (2010), o custo total de cada idoso interno é, em média, de aproximadamente US\$ 200,00 por mês, o que gera serviços de baixa qualidade aos idosos e idosas institucionalizados mantidos somente pela ajuda governamental.

No último levantamento sobre instituições de longa permanência no Brasil, entre os anos de 2007 e 2009, foram identificados 3.548 asilos que abrigavam a 1% do total de população idosa no país. Destas instituições, apenas 6,6% eram mantidas pelo governo, 28,2% pela iniciativa privada e 65,2% pela filantropia, de acordo com Camarano e Mello (2010). Portanto, a filantropia abarca o gasto maior nestas instituições ao invés do poder público.

Com base na questão acima, com a finalidade de que as necessidades dos idosos sejam melhor atendidas dada a complexidade que o estudo do “ciclo de vida” abarca, Rifiotis (2007) salienta a importância de ouvir dos idosos o que eles pensam sobre seus processos de envelhecimento. Em acréscimo, o autor traz a necessidade de uma reflexão por parte dos estudiosos sobre o próprio envelhecer, bem como a realização de trabalhos interdisciplinares entre ciências como a Gerontologia e a Antropologia. Debert (1999a, p. 253) também destaca a relevância do diálogo entre as ciências:

[...] considero importante renovar nosso diálogo com os gerontólogos e geriatras, propondo talvez velhas questões, por exemplo: como conciliar a reinvenção da velhice bem-sucedida com a facticidade do declínio biológico e do espectro terrificante do prelúdio da morte social?

A compreensão de Rifiotis (2007) guarda relação com o que traz Debert (2004), sobre as perspectivas contemporâneas na pesquisa antropológica às lentes da ética, especificamente ao que se refere a manipulação ética no intuito do pesquisador adentrar e ser bem-sucedido em suas ações nos diversos campos de poder, entre eles a Gerontologia que normalmente classifica as pessoas em categorias com características polarizadoras.

Parece haver uma consonância entre Featherstone (1998) e Britto da Motta (2011) a respeito da expressão “máscara do envelhecimento” utilizada na esfera gerontológica que expressa a dicotomia entre o envelhecimento biológico refletido no corpo e na face e em como a pessoa se percebe. No fim do curso da vida a perda das habilidades cognitivas, bem como o controle do corpo e dos sentimentos é latente, assim, para os autores, os idosos que se apropriam desse fato sentem-se mais resilientes às desventuras decorrentes do viver, seja na aceitação de suas limitações físicas ou na procura por tratamentos que possam amenizá-las.

O trabalho interdisciplinar tem gerado frutos no sentido de promover o bem-estar dos idosos nas diversas áreas sociais do humano, sejam daqueles que vivem em suas casas, ruas ou instituições. Contudo, o Brasil ainda tem muito a avançar neste campo em que um dos maiores referenciais em ações bem-sucedidas é a Espanha possuindo programas de assistência consistente (SOUZA *et al.*, 2011).

4 CENAS DO COTIDIANO: O CUIDADO

[Fala do autor ao tecer sobre seu próprio processo de envelhecimento]. Sinto-me um equilibrista, familiarizado com os riscos de seu modo de vida e razoavelmente certo de que alcançará a escada na outra ponta da corda, voltando tranqüilamente [sic] a seu devido tempo. Mas as pessoas que assistem a isso de baixo sabem que ele pode cair a qualquer momento e o contemplam excitadas e um tanto assustadas. (ELIAS, 2001, p. 81).

Neste capítulo pretendo pensar a ILPI como um espaço fisicamente circunscrito em relação a outros na cidade de Cuiabá, MT, que abarca sociabilidades em que o cuidado (*care*) está inserido em diversas maneiras do fazer. Esse cuidar e ser cuidado a partir de diferentes perspectivas disciplinares, soma-se ao referencial antropológico para a compreensão dos fenômenos sociais.

Anéas e Ayres (2009) promovem um repensar das práticas na área da saúde com base na questão ontológica levantada por Heidegger (1988) principalmente ao que tange a indivisibilidade entre o humano e o mundo, sendo o homem um “ente inacabado”, portanto sempre passível de transformações. Assim, para Anéas e Ayres (2009, p. 654):

[...] a compreensão do que é cuidado em saúde, tal como o compreendemos aqui, desdobra-se de uma compreensão ontológica do Cuidado, já como efeito da própria ontologia fundamental que faz dele o elemento central para a compreensão da existência humana. Dito de outra forma, a concepção de cuidado em saúde que se vê como possibilidade para as práticas de saúde só é possível porque, antes de tudo, se assume o Cuidado em seu sentido ontológico.

Em Ayres (2001, 2004) o cuidado é pensado em duas macroapreensões, a saber na tônica normativa da área da saúde e na construção de noção de pessoa em que relações de poder estão postas nos cuidados realizados por agentes de diferentes cenários. Aqui, compartilharei os dados etnográficos que trazem o cuidado no cotidiano dos idosos em que ambas colocações de Ayres estão postas.

Posto isso, serão relatadas as sociabilidades das idosas e idosos com seus pares e com os diferentes agentes que atuam na instituição, assim como o cotidiano asilar, das regras aos momentos de lazer, a partir das entrevistas, conversas informais e observações. Ainda, serão trazidos a dádiva na perspectiva do dar e receber, também a solidão enquanto sentimento que se fez presente no contexto asilar, bem como a perspectiva dos idosos quanto à vida e à morte (ELIAS, 2001).

Por estarem os idosos unidos em um mesmo espaço institucional, busca-se o olhar para os ritmos sociais desse contexto, a lógica do cotidiano das idosas e idosos institucionalizados, ou seja, o modo que lidam e ressignificam o cotidiano asilar. Os ritmos sociais⁶ parecem ser elementos importantes para os idosos manterem-se conectados com o mundo de fora. Boa parte deles gosta de portar relógio para a organização do dia-a-dia. Isso se reflete na fala de Simona que afirmou certo vez estar feliz porque já estava fazendo sua rotina praticamente sozinha, conseguindo tomar sua medicação no horário certo e até arrumar o seu guarda-roupas.

O cuidado realizado pelas idosas e idosos consigo mesmo, faz parte da rotina sendo manifestada de maneiras por vezes com o uso de adereços como anéis e correntes tanto nas idosas como nos idosos. A maquiagem, os esmaltes e o feitiço da barba e cabelo são parte dessa questão, como registrado no diário de campo sobre Célia:

Enquanto a escuto vejo a Célia próxima à uma mesa manuseando seus artesanatos. Ela, como costumeiramente, está asseada e cheirosa, com várias bijuterias, roupas combinando-se entre si em termos das cores e uma meia na parte do único pé que lhe resta.

Quanto a higiene, tanto os homens quanto as mulheres que cuidam de si mesmos costumam tomar banho antes do horário de visitas e ao entardecer, alguns também de manhã. Certos idosos se preparam e se mostram ansiosos pela chegada dos visitantes. As cuidadoras cortam as unhas daqueles que não conseguem fazer por si mesmos pelo menos uma vez na semana, além de outros cuidados como a retirada de pelos e hidratação da pele.

O uso da medicação para alguns idosos é constante. Alguns deles ingerem cinco medicamentos diariamente, com início já no período da manhã. Na farmácia há porta comprimidos com compartimentos para cada dia da semana e etiquetados com os nomes dos idosos, assim como duas enfermeiras que trabalham por 12 horas nas diversas necessidades dos mesmos. Hipertensão, diabetes e Parkinson são alguns dos comprometimentos no campo da saúde dos residentes, conforme registrado no diário de campo:

Claudio me contou que teve várias vezes malária, dengue, leishmaniose e que está com Parkinson. É solteiro, do Nordeste, tendo saído de sua cidade natal quando era jovem e nunca mais retornou. Está no abrigo pela segunda vez. Falou-me de como se cuida tomando seus remédios “a gente não pode esconder doença”. Também da chegada de um novo morador, que embora

⁶ Qualquer sucessão de pensamentos, sentimentos e atos de grupos, idênticos ou muito semelhantes, que aparece em forma periódica. A norma de três refeições ao dia, o comportamento de rotina na igreja ou no ritual de sociedades esotéricas e os ciclos econômicos, na medida em que forem verdadeiros ciclos, podem ser apontados como exemplos de ritmo social (DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA, 1977).

seja cadeirante e tenha somente uma perna consegue se locomover e se cuidar sozinho.

Cláudio é um dos idosos que tem autonomia para ir e vir da instituição e também expressa cuidado diário consigo mesmo. Costuma mensalmente buscar de ônibus em um bairro próximo, a medicação doada pelo governo. Também, para comprar o que deseja. Ao lhe perguntar o que desejaria fazer que ainda não fez, o diz que nada, e em seguida, que gostaria de passear mais.

Aos idosos são servidas cinco refeições. O café da manhã às 7h, o almoço às 11h, o lanche da tarde às 15h, a janta às 17h e a ceia às 20h. Nas três refeições principais eles ingerem carboidrato e proteína. Todas as sextas, há peixada que é fruto de doações.

Embora nem sempre os idosos possam comer à vontade pois se trata de uma instituição filantrópica e por isso os recursos não são abundantes, as refeições são servidas para todos, inclusive aos funcionários, mesmo que seja no lanche da tarde um chá e bolachas adocicadas. Após o almoço, costumam descansar e alguns deles dormem logo após o entardecer.

Uma das cuidadoras promove práticas de instrumentos musicais pelos idosos e momentos de danças. Como também é artesã, oferece oficinas semanais de artesanato e pintura enquanto terapia antiestresse e prepara decorações juntamente com os idosos que ornamentam a parte principal do Abrigo Cuiabano, como descrito no diário de campo:

Cheguei no pátio e encontrei a Mirtes que me pegou pela mão e me levou até onde estava colorindo uma revista de pintar. Nas mesas de artesanato cercadas por vários vasos de folhagem viva estavam o Haroldo, Anália e também Clélia. Enquanto o Haroldo pintava, as idosas recortavam papéis de coar café reciclados que se tornariam pétalas, flores e buquês. Então Mirtes sentou-se ao lado do Haroldo e continuou a pintar. Suas faces refletiam entusiasmo e ao mesmo tempo serenidade. Falavam da ida ao cinema no dia seguinte.

Para valorizar os artesanatos produzidos pelos idosos e angariar fundos para a melhoria da instituição, são realizados bazares pelo menos duas vezes por ano tanto no contexto asilar como em outros lugares, estes previamente divulgados no site da instituição, aos familiares, visitantes, entre outros.

Outras atividades de integração no Abrigo Cuiabano são promovidas pela psicóloga e cuidadoras (es) utilizando-se de músicas, balões, entre outros. Um exemplo disso foram os jogos da copa no ano passado em que fui até a instituição principalmente no intuito de ver se os familiares e amigos dos idosos tinham ido assistir o jogo final do Brasil com eles.

A cada quinze dias são oferecidos aos idosos passeios a cinemas, centro de convivência e a comunidades próximas de Cuiabá como a Chapada dos Guimarães, pescaria, dentre outros. O Abrigo Cuiabano possui um micro-ônibus e nessas atividades além das vinte vagas para os idosos que se locomovem sem ajuda, são ofertadas três para cadeirantes que são acompanhados por um (a) ou dois (uas) cuidadores (as).

Tanto as atividades dentro da instituição como as que acontecem fora do mesmo não são obrigatórias. Normalmente os convites são feitos e os idosos interessados procuram pelos responsáveis pela atividade. Há idosos que estão presentes na maior parte dos passeios, outros com menor regularidade e ainda outros que nunca foram e não desejam ir, pois o Abrigo Cuiabano é o local onde se sentem confortáveis, o lugar conhecido.

A maioria dos idosos não ajuda na rotina da instituição pelo fato de, como alguns dizem, “pagarem para estar lá”. Não obstante, há aqueles que preferem realizar atividades e colaboram para o funcionamento da instituição. As muitas árvores existentes no espaço asilar produzem muitas frutas e muitas folhas, mas isso não é encarado por um dos moradores de quase setenta anos como problema, pois a satisfação pode ser vista em sua face enquanto ele rastela e recolhe as folhas, além de desempenhar outros afazeres como o recolhimento das decorações das festas durante o ano.

A relação e cuidado com a natureza é um fato marcante. A ida diária às árvores frutíferas é uma das ações cotidianas de alguns idosos, sendo os limoeiros os mais visitados, por eles gostarem de apanhar as frutas para utilizá-las nas refeições. As mangueiras por sua vez proporcionam a maior colheita, em sua diversidade, as *bourbons* são as preferidas. Alguns idosos comentaram que durante a safra “comem até cansar”. Funcionários, visitantes, todos podem se fartar.

Embora a Instituição ofereça profissionais que atuem na limpeza, há idosos que preferem limpar seu próprio espaço como o Anael (70 anos), separado, pai, avô e morador do Abrigo Cuiabano há seis anos. Vive sozinho em uma suíte com seus pertences, entre eles uma geladeira. Veste-se diariamente com bermudas e camisetas e é o residente que mais costumava passear fora da instituição com seus dois melhores amigos que tinham o hábito de buscá-lo, entretanto, desde que um deles faleceu, raramente o faz, pois o outro está com uma enfermidade crônica.

Anael ajuda na jardinagem e no cuidado de outros velhos. Gosta de viver no abrigo Cuiabano pois acha “a vida lá fora dura demais, com pouca segurança”, também porque sabe o valor de um aluguel e outras despesas do dia-a-dia, assim, para ele, contribuir com 70% de um

salário mínimo para viver em uma instituição é barato tendo em vista que recebe cinco refeições, moradia, roupa lavada e passada, entre outros. Ainda, o fato de ter sua suíte e privacidade, o que provavelmente não teria caso morasse junto com os filhos.

Acerca das ações obrigatórias, algumas delas estão na saída da instituição somente com alguém se responsabilizando pelo (a) idoso (a), tomar a medicação prescrita e ar fresco, assim como socializar-se pelo menos uma vez ao dia. Segundo duas cuidadoras tal imposição se dá porque alguns idosos só querem sair de seus quartos para fazer as refeições. Ao logo da história do Abrigo Cuiabano, tem se observado que a permanência nos espaços fechados gera ou pode aumentar a solidão, que será tratada mais adiante.

4.1 Agentes de Cuidado: Funcionários e Outros

Trago os diferentes agentes atuantes no Abrigo Cuiabano e suas ações no tempo e no espaço. Também o voluntariado como uma prática social e ação geradora de benefícios para os idosos institucionalizados, tanto da perspectiva de alguns estudos antropológicos, como da etnografia realizada por mim atuando como pesquisadora e voluntária.

Os funcionários são os agentes que passam a maior parte do tempo com as idosas e idosos. São cerca de 50 funcionários, entre eles psicólogos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e assistente social. Além desses, há os profissionais de serviços administrativos, serviços gerais, os que atuam na lavanderia, nutricionista, cuidadores, cozinheiros e outros que exercem várias funções.

Vários deles trabalham na instituição há mais de cinco anos, outros há mais de dez, a exemplo um cuidador, algumas cuidadoras e a assistente social. Também, uma das cozinheiras que está lá por 23 anos. Os funcionários que atuam diretamente no cuidado dos idosos trabalham doze horas e folgam vinte e quatro horas e os dos serviços gerais e administrativos no horário comercial.

Uma cuidadora me contou que os anos de convivência com os idosos tem gerado amizades duradouras, uma delas se refere ao senhor a quem ela cuidou de tuberculose há alguns anos. Similarmente, outra cuidadora compartilha acerca de seu outro trabalho como vendedora e de como gosta de cuidar de idosos “posso trabalhar em qualquer outro lugar, mas escolho estar aqui”. Falou da saudade dos que já partiram e que seu maior prazer é cuidar daqueles considerados mais difíceis de conviver pois esses são de grande desafio para ela.

A parceira do abrigo com as universidades locais acerca de estágios de estudantes na área da saúde existe há alguns anos. Atualmente há também estagiários do Curso de Agronomia de uma universidade privada que estão renovando o jardim.

No cuidado dos idosos, os estudantes de fisioterapia e assistência social são os mais presentes no abrigo. Eles costumam visitar os idosos duas vezes por semana, assim trazendo grande bem-estar aos mesmos retratado em suas narrativas e expressado no ânimo em aguardar a chegada dos estagiários. Esse cuidado é interrompido durante as férias educacionais, greves, entre outros, assim resultando em grande perda na qualidade de vida, sobretudo ao que tange os idosos cadeirantes. A importância de profissionais da área da saúde no cuidado dos idosos institucionalizados foi revelado no estudo de Alves *et al.* (2018) realizado na mesma instituição desta pesquisa, a respeito do profissional enfermeiro ser essencial na execução de ações que priorizem a qualidade de vida dos idosos dentro das ILPIs.

Quanto aos familiares dos residentes, segundo a diretora do Abrigo Cuiabano em entrevista ao jornal digital Mídia News, postada em 4 de agosto de 2017, a minoria aparece para visitar seus idosos, os que o fazem normalmente não é com regularidade. É muito mais corriqueiro o relato dos sofrimentos que a família lhe causou às relações de cuidado, como podem ser vistos na narrativa abaixo baseada na fala da Vanda (66 anos), que registrei no diário de campo:

A Vanda me disse que a diretora e a advogada do abrigo foram até seu quarto chamá-la para um bate papo. Lhe contaram que sua família tinha uma procuração dela dando-lhes permissão para atuar em seu nome, por isso ela não recebia pensão, entre outros. Isso foi feito por seu irmão que lhe pediu para assinar um papel numa época em que não estava bem. Ficou grata pelo abrigo estar cuidando dela nesses quatro anos sem que contribuía com nada para morar lá. Ainda, lhe dão 100,00, dinheiro que normalmente utiliza para comprar os itens para o seu artesanato. A advogada lhe disse que já entrou judicialmente para anular tal procuração.

A ausência de cuidado da família também se dá com Aucio, analfabeto, viúvo, pai de três filhos, após sofrer um derrame se tornou cadeirante e com várias complicações na saúde, sendo uma delas o uso da sonda urinol diariamente. Me conta chorando sobre o comportamento de uma de suas noras enquanto vivia com um de seus filhos:

[...] um dia a nora me colocou para fora dizendo que eu deveria voltar para o meu Poxoréo, eu queria mesmo voltar a morar lá onde cresci, mas a cidade não tem o recurso que preciso. Quando meu outro filho ficou sabendo disso insistiu para eu ficar com ele, mas ele mora em um prédio sem elevador e trabalha o dia todo, aí eu ia ficar preso. Então prefiro ficar aqui, que bem ou mal cuidam de mim, tenho amigos e liberdade.

Aucio, ao afirmar encontrar no asilo amigos e liberdade revela o contrário da imagem do senso comum, de que as pessoas que estão nos asilos são privadas de liberdade e solitárias.

É comum a presença de grupos escolares, religiosos e de escotismo. Também as pessoas que visitam o brechó. Alguns desses visitantes e clientes, por vezes acabam permanecendo por mais tempo e conhecendo um pouco do Abrigo Cuiabano e seus residentes. Nas ações de todos os grupos citados a forma de cuidado que mais apreciam, segundo as narrativas dos idosos, é através das interações pois eles gostam de ouvir e serem ouvidos, irritando-se se as pessoas ficam conversando e olhando no celular ao mesmo tempo. Pude observar várias vezes suas faces se iluminarem e sorrisos surgirem diante da aproximação principalmente de adolescentes e crianças.

4.1.1 O voluntariado

Durante a coleta de dados havia vários voluntários, a começar pela diretora, voluntária no Abrigo Cuiabano há quase quarenta anos, assim como o conselho fiscal composto por três conselheiros, todos estes não remunerados. Uma de suas funções é a verificação da receita da instituição. Normalmente atua em consonância ao Conselho da Defensoria Pública.

Também há alguns grupos que normalmente oferecem alimentações diferentes das que os idosos têm no cotidiano. Dos que tem se voluntariado lá por mais tempo, um grupo espírita que oferece cuidados no espaço do salão todos os domingos e outro que prepara e serve churrasco mensalmente, como observado no extrato do diário de campo:

Havia um grupo de amigos oferecendo um churrasco. Convidaram-me, então permaneci com eles. No refeitório havia alegria no ar. Muitos idosos comentavam sobre a comida e o refrigerante. Sentei-me perto de um casal que conversava com um dos voluntários que proporcionaram o almoço. A Nilha, agradeceu a eles pela comida diferente e pela visita pois ficavam presos na instituição.

Ainda, voluntários que atuam individualmente, como um homem que vai todas as tardes ajudar a servir o lanche, assim como servir água para todos os idosos que estejam nos locais de acesso permitidos, profissionais liberais como médicos, arquitetos, entre outros. Além desses, há também políticos que realizam ações utilizando-se do que a máquina pública oferece como a realização de limpeza do espaço asilar.

Em 2018, foi projetada uma horta adaptada para os idosos e a Rotary Cuiabá Norte está realizando ações na arrecadação de fundos para que o projeto se concretize. Nesse tempo tem

sido dada manutenção na horta existente. O desejo da existência da horta surgiu a partir das falas dos idosos colhidas pela psicóloga acerca do que mais eles queriam para se distraírem em seu cotidiano.

Alguns voluntários após certo tempo dedicando-se ao cuidado dos idosos, tornaram-se funcionários ou passaram a desempenhar funções com representação nas ações de decisão como os membros do conselho, a exemplificar a Janete, que afirmou ter se tornado voluntária no sentido de suprir a perda da mãe e hoje é funcionária. Também o Domingos, voluntário há alguns anos, intensificou sua frequência na instituição desde a morte precoce de seu filho, tornando-se um dos conselheiros, afirmando que os idosos fazem um bem ainda maior para ele do que ele faz para eles.

As motivações dos voluntários acima nos mostram que as relações de vínculo no contexto da família podem levar ao ativismo do voluntariado. O voluntariado aparece em Figueiredo (2016), quando objetivou compreender as diversas convivências de um grupo de palhaços no trabalho realizado por eles no Lar dos Velinhos em Indaiatuba, SP, no intuito de tornar mais humano o contexto asilar, bem como a percepção dos idosos acerca das visitas e o humor evidenciado nelas. Como desfecho, enquanto presenciou-se interações frutíferas confirmadas nas frustrações diante das ausências dos palhaços, em outros idosos se fez a indiferença.

Hora (2014), similarmente, trabalha com construção, gestão e negociação de envelhecimentos em um asilo beneficente, trazendo à baila alguns pós e contras do voluntariado com a proposta de um debate sobre os elementos depreciativos que permeiam a imagem social das pessoas de mais idade, no intuito de fomentar mudanças nas atitudes das pessoas. Para tanto, discorre sobre a perpetuação desta desqualificação no contexto asilar mediante questões morais acerca das ações do voluntariado e de cuidado, ao mesmo tempo que apresenta alguns frutos desses fazeres como as interações intergeracionais entre os sujeitos.

Diferenciando-se um pouco dos trabalhos acima, Lopes (2006) realiza um estudo comparativo entre idosos americanos e brasileiros no exercício de suas ações enquanto voluntários em suas comunidades. A autora particularmente buscou compreender, entre outros, as motivações e os benefícios observados através do voluntariado. Como resultado, ambos grupos apresentaram similaridade em suas ações mesmo sendo de culturas diferentes. A conclusão acerca da atividade voluntária entre idosos é que o voluntariado se dá enquanto estímulo para as socializações e o autoconhecimento.

Os dados de Lopes (2006), me remetem à um grupo de voluntárias idosas que presenteiam os idosos do Abrigo Cuiabano com o lanche da tarde uma vez por semana. Este dia é muito aguardado pelos residentes pois alguns deles compartilharam que elas “fazem isso por amor e não para aparecer”. Segundo eles o incômodo acontece porque a maioria das pessoas que vai lá quer tirar foto. Isso não agrada aos residentes porque eles não recebem estas fotos, nem há uma frequência das ações realizadas principalmente pelos jovens, deste modo, esses contatos não gerando relações mais duradouras.

Então, a partir dos dados acima relatados pelos residentes, pedi autorização a assistente social para fotografá-los e presenteá-los. Foram momentos especiais em que recebi abraços apertados e demorados, sorrisos em cujas faces outrora ainda não tinha visualizado.

As ações voluntárias que realizei com ênfase nas necessidades no cotidiano dos idosos institucionalizados, pode me levar a fazer parte de uma rede de sociabilidades que permeiam o contexto asilar, bem como com os outros voluntários, os cuidadores e visitantes, semelhantemente à Silva (2013), em seu trabalho de doutorado, em que se voluntariou em atividades relacionadas à seus sujeitos de pesquisa durante o Festival de Cinema em São Paulo as quais oportunizaram um maior contato com a realidade deles.

Conforme minhas visitas se tornaram mais constantes, os idosos passaram a conhecer um pouco mais de mim, assim a proximidade crescendo a cada dia, a ponto de uma idosa afirmar à uma cuidadora e à visitantes na minha frente: “A Renata não é visita, mas parte do abrigo!” Em outro momento me disse: “As pessoas tem que dar cola para dar certo e nós demos, não é?!?”.

A ajuda aos cuidadores me permitiu visitar alguns quartos, desta maneira gerando mais sociabilidades como na situação com Simona que, após levar alguns tombos precisou ficar deitada por um pouco mais de um mês. Nesse tempo, fui visitá-la três vezes para passar remédio, massageá-la, entre outros. Ao passar por essa experiência, percebi a importância das pessoas que cercam os velhos terem conhecimento acerca de suas necessidades, sejam estes familiares ou mesmo profissionais da área da saúde, como abordado em Pereira *et al.* (2018) a respeito das dificuldades evidenciadas pelos cuidadores de idosas e idosos com Alzheimer em Cuiabá.

Também procurei ajudar outros voluntários na intenção de conhecer seus trabalhos e objetivos. Embora o Abrigo Cuiabano receba os voluntários diariamente, nas datas comemorativas a presença é bastante expressiva, sendo comum chegar um grupo assim que o outro se retira ou até mesmo dois grupos concomitantemente.

Se por um lado o voluntariado me proporcionou maior acesso as diferentes sociabilidades no contexto asilar, por outro, esse contato mais íntimo com os idosos, gerou laços os quais não se rompem com o término da pesquisa.

4.2 Dádiva: Perspectivas do Dar, Receber e Retribuir

Abordarei a dádiva a partir do conceito desenvolvido por Mauss (2003), em diálogo com reflexões mais contemporâneas acerca do ato de presentear protagonizadas por Coelho (2006) e Godbout (1999).

As sociedades que Mauss (2003) estudou sob às lentes de um “fato total social”, a dádiva, me ajudou a pensar sobre as formas de trocas de presentes vividas pelos idosos residentes do asilo, que compreendem o dar, o receber e o retribuir. Como primeiro questionamento, Mauss (2003) tinha o desejo de descobrir a força que levava a pessoa a retribuir o presente ganho. Para ele, o ato de doar é uma estrutura organizacional de coesão social, atuando como junção social no sentido que propicia a manutenção dos relacionamentos mediante a tríade dos atos de dar, receber e retribuir. O autor chega a esta conclusão após o uso de método comparativo que toma sistemas descritos em sua integralidade, como podemos ver a seguir:

A dádiva, ou o dom é indissociavelmente livre e obrigado, interessado e desinteressado. Obrigado porque não se doa qualquer coisa a qualquer pessoa, em qualquer momento e de qualquer modo e porque os momentos e formas de dom, de doação são, em realidade, instituídos socialmente, como bem nota o holismo. Mas, inversamente, se trata apenas de simples ritual e pura mecânica, expressão obrigatória de sentimentos obrigados de *generosidade*, então nada mais seria realmente realizado, porque o dom, mesmo se socialmente imposto, assume e adquire sentido somente em certo clima de espontaneidade. (MAUSS, 2003, p. 261, grifo do autor).

A partir da observação participante realizada em cinco meses, foi possível compreender algumas ações que parecem se aproximar do conceito de dádiva do autor, tanto nas sociabilidades entre os idosos, os idosos e outros agentes e de agentes para agentes.

Sobre os residentes, a dádiva pode ser vista especificamente nas ações de cuidado mútuo entre os idosos, principalmente na ajuda com a alimentação e outras limitações físicas, pois há alguns que tiveram derrame e não tem condições de se moverem e cuidarem de si mesmos. Os idosos com restrições físicas costumam ser visitados pelos pares com quem tem intimidade para ajudá-los e se estende à ações como levar comida, visitar no quarto ou na enfermaria quando o

doente não pode se levantar, entre outros. A incapacidade de se locomover dos idosos citados não impede que haja a contra-dádiva, esta manifestada no compartilhar do pouco que tem, de pertences a alimentos, ou mesmo a gratidão, a última, será abordada mais à frente.

A partir disso, estariam esses idosos oferecendo ajuda em demonstração de generosidade com o intuito de merecer respeito dos outros? Haveria então aspectos morais por trás das ações de cuidado/doação de si mesmo? Ou ainda, seriam tais ações formas de nutrir suas relações, assim beneficiando toda a sociedade? Segundo Mauss (2003, p. 212):

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.

Na minha primeira visita ao abrigo Cuiabano conheci uma senhora cuja trajetória difere da maioria de seus pares pois ela tem condições financeiras para estar em uma casa de repouso privada, entretanto escolheu estar lá. Aproximei-me desta senhora de 85 anos, perguntei se podia sentar ao seu lado, ela acenou a cabeça em afirmativa e seriamente. Comecei a conversa me apresentando e em alguns minutos já podia ver seu sorriso. Simona contou-me que está na instituição há oito anos procurando ajudar os demais residentes como ela pode.

Viúva e com os filhos crescidos, sentiu-se solitária e aprisionada em sua casa, então decidiu morar em uma Ilp, por isso, passou um ano visitando algumas dessas em Cuiabá. Segundo Simona, quando entrou no Abrigo Cuiabano, ainda próxima do portão “meu coração se abriu, senti que aqui era o meu lugar”. Após tomar as informações para se tornar residente da instituição, Simona avisou seus filhos sobre sua decisão de mudar-se e começou o processo de doação dos pertences “trabalhei de tal maneira o desapego que não me importo mais se meus filhos vêm me visitar ou não”.

Pouco tempo depois que estávamos conversando, um cadeirante estava passando e ela o chamou perguntando-lhe se ainda tinha fumo, ele respondeu que não, então ela lhe falou que tinha trazido um pouco para ele, me pediu licença e foi buscar. Um outro senhor cadeirante me contou que esta senhora costuma cuidar de alguns moradores, “... que além de conversar, ela é boa para os outros”.

Meses mais tarde, caiu e “trincou o “cócix⁷”, ocasionando-lhe a permanência na cama por um mês. Nesse período recebeu visitas de outros residentes como a Vanda e a Janice. Vanda

⁷ O cóccix (pronuncia-se "cók-sis") é um pequeno osso da parte inferior da coluna vertebral. É constituído por quatro vértebras coccígeas, soldadas entre si, sendo as inferiores progressivamente menores.

queria que Simone fosse dormir com ela em seu quarto para poder cuidá-la, Simona agradeceu e lhe disse que preferia ficar em seu próprio espaço. Ressalta, os cuidados de algumas cuidadoras nessa situação em que pode experimentar um pouco do que muito tem presenteado a outros. Segue trecho, registrado no diário de campos, acerca de um dos momentos em que foi levada para fora para um banho de sol e almoço:

Antes de partir vejo Simona sentada na cadeira de rodas com uma vasilha na mão, a cumprimento e ela puxa prosa. Me conta sobre suas pernas inchadas, de sentir que sua jornada na terra está terminando. Acredita ter vindo ao mundo para servir, contudo, hoje tem permitido que os outros a cuidem.

O cuidado ofertado uns para com os outros parece não esperar retorno, entretanto, este pode ser visto nas sociabilidades. A esse respeito, quero contar parte da história do Clóvis que, jogado fora de sua bicicleta por um automóvel no trajeto da zona rural para a urbana, teve a perda de todos os movimentos da cintura para baixo, por isso, passa a maior parte do tempo deitado. A cama de Clóvis fica no pátio principal na maior parte do dia e constantemente é cercada pelos seus pares que o cuidam de diversas maneiras, do alimento às conversas prolongadas. Ele, por sua vez, retribui com gratidão na fala e gentilmente. Essa maneira constante de tratar as pessoas parece-me sua contra-dádiva diante de todo cuidado que ele recebe.

Segundo Clóvis, um dos momentos mais agradáveis de seu cotidiano é quando vai para a cadeira de rodas e pode ir e vir, assim se aproximando dos demais. Suas ações de reciprocidade estão refletidas na fala de um de seus amigos:

[...] quando eu estava doente e na cama, um dia ouvi a porta se abrir e quando eu vi, que era o Clóvis foi como se uma luz se abrisse no quarto. Desde que eu cheguei no abrigo e a gente se conheceu, deu liga, a gente cuida um do outro.

Ainda acerca do Clóvis, ele revelou que gostaria de voltar a viver junto da família pois sente saudade dos seus quatro filhos, de quando eles o levavam para se refrescar no rio. Se alegre, quando eles o visitam. A maneira que Clóvis representa a troca de cuidado com a família reverbera em outras vozes de homens idosos como Goldenberg (2015, p. 83) afirma “[...] No discurso deles, a ideia de reciprocidade está associada à família, principalmente ao apoio que receberam da esposa em todas as fases da vida e ao carinho que dão e recebem, hoje, dos filhos e dos netos.”. Clóvis ainda compartilha acerca do cuidado por mais de um ano que recebeu de sua ex-esposa e de como quer o bem dela.

Da parte da instituição, que recebe as ações voluntárias, sua contra-dádiva ou forma de retribuição está na disponibilidade de receber os voluntários em suas variadas formas de doarem-se. Além do mais, a instituição recebe a todos visitantes que desejem conhecê-la a qualquer hora comercial todos os dias no sentido de ajudá-la. Essa abertura se diferencia em muito aos demais visitantes, em especial as visitas aos residentes que estão alocadas no regimento das 14h às 16h, diariamente. Segue um convite ao voluntário postado no site da instituição que reflete sua relevância (FIGURA 1).

FIGURA 1 - Convite ao voluntário de 2018 do Abrigo Cuiabano, Cuiabá, MT



Fonte: cedido pelo Abrigo Cuiabano, 2018.

Coelho (2006) se debruça sobre a análise das regras que orientam a troca de presentes e aborda a dádiva enquanto estratégia de construção de identidades e de expressão de emoções, em síntese, o ato de presentear enquanto comunicação. Nas situações relatadas acima, a forma de expressão da dádiva me remete a colaboração dada por Godbout (1999) a respeito desta em sua essência ser responsável pelos vínculos, no sentido que promove as relações sociais.

Ainda sobre as expressões da dádiva exercida no contexto asilar, estas estenderam-se a mim, à medida que os residentes e eu nos aproximamos, semelhantemente ao que eu os indagava, eles também o faziam e desejavam que eu aceitasse os convites que me eram feitos, como estar nas refeições e nas comemorações com eles ou atender a seus pedidos de cuidado.

Caso eu não os aceitasse, minhas atitudes poderiam ser compreendidas à luz do não receber, o que poderia impedir o desenrolar de nossas relações, pois normalmente o receber antecede a reciprocidade. Desafios que me trazem à memória palavras de Beaud e Weber (2007, p. 32) acerca do contexto relacional em que os pesquisadores estão inseridos:

Ora, é preciso “estar com”, ou melhor ainda, “fazer com”, para compreender o que quer que seja. Se eu me apresento, o outro se apresentará. Se eu me explico, o outro se explicará. A pesquisa joga de acordo com a *norma da reciprocidade*, com o prazer de prestar serviço, com as regras do jogo das relações pessoais.

Simona parece querer retribuir o cuidado que lhe ofereci ao me ensinar sobre jardinagem. Um dos momentos da contra-dádiva foi quando comentei com elas que as lagartas estavam em grande quantidade no pé de maracujá em minha casa e ela me disse que eu não as matasse. Então acatei sua sugestão. Com o passar dos dias haviam muitas borboletas. Grata pelo ensinamento tirei algumas fotos e levei para lhe mostrar. Ela ficou sorridente quando viu as fotos das borboletas e me disse que me ensinaria a fazer enxertos.

O que tem a ver jardinagem com a dádiva? O aprendizado que as idosas e idosos obtiveram no decorrer da vida é algo que os acompanha e perpassa pela valoração do que lhes é próprio, portanto, o seu compartilhar se faz em sinônimo de presente para o seu próximo, como os processos vividos e compartilhados pelos idosos no trabalho de Bosi (1994), então valorizados por estarem diretamente ligados as mudanças sócio-históricas da São Paulo do século XX.

Também, aos cuidadores sendo que a maior parte dos idosos pesquisados não tece reclamações a respeito dos mesmos, mas se pronunciam acerca de algumas (ns) cuidadoras (es) atuais de maneira carinhosa, igualmente de outras (os) que já não trabalham mais na instituição como na narrativa seguinte que registrei no diário de campo:

Simona se emociona contando sobre sua melhora. Ressaltou o cuidado que duas cuidadoras tiveram com ela quando necessitou de ajuda. As ações de cuidado e carinho entre esses agentes foi presenciada frequentemente nos meses de observação participante como num certo momento em que chegou um grupo de jovens e começou a tocar e a cantar no refeitório, neste momento uma das cuidadoras chamou a Nilha para dançar, minutos de troca de olhares, toques e sorrisos.

Todas essas formas de expressão da dádiva em forma principalmente de cuidado trazem o bem-estar do cotidiano dos idosos, assim tornando-o mais relacional.

4.2.1 Representações da solidão

Ao longo da história a solidão tem sido fomentada e percebida mediante as necessidades das pessoas influenciadas principalmente pelo contexto familiar, da individualização das famílias da época feudal aos solitários modernos, das ações em grupo, deste modo, o sujeito tendo pouco tempo sozinho, respectivamente, a começar pelas estruturas das casas, ao estar sozinho em um quarto só para si (ARIÈS, 1986). Para Castro (1994, p. 71):

[...] nossa ideia moderna de solidão envolve a possibilidade de, na vida cotidiana, a interação com outros indivíduos ser suspensa ou ocorrer de forma pouco densa, intermitente. Para alguns a ausência de interações com um razoável grau de intimidade parece ser crônica, permanente. Esse é o indivíduo solitário por excelência [...]. (p. 72).

Há quem a busque no sentido de refugiar-se, sendo o quarto individual um lugar propício para este encontro consigo mesmo. Segue trecho do diário de campo em que relato o quarto da Vanda a partir da visita permitida pela assistente social mediante a insistência da idosa:

Continuamos rumo ao quarto da Vanda localizado no lado esquerdo do final do corredor da ala feminina. Dalí avista-se um pé de goiabas. Ela me mostrou com satisfação seu quarto e banheiro. Havia uma cama branca forrada com colcha em paralelo a janela, uma televisão sobre uma mesinha, uma cadeira de fios e na parede com divisória para o banheiro uma prateleira de plástico preta com seus produtos de higiene. Do outro lado, suas tintas utilizadas nos panos de prato que pinta e embainha. Tudo bem organizado e limpo. Suas roupas ficam guardadas na mala. No banheiro há outra prateleira com mais pertences.

Vanda compartilhou várias vezes sobre o quão é importante para ela ter seu próprio espaço. Assim, o quarto neste contexto não expressa isolamento em um prisma negativo, mas necessário para a subjetividade da idosa. Para Vanda estar sozinha não significa que sempre se sente solitária, só em alguns momentos em que busca ocupação na costura e pintura.

Em contraposição, Karina passa a maior parte do tempo solitária, embora divida o quarto com mais duas idosas. Conforme relato de uma cuidadora, a idosa praticamente não interage. Karina me falou que não gosta de fazer amigos no Abrigo Cuiabano porque não gosta de viver lá, “não sabe porque Deus não a leva já que não quer viver mais” pois já sofreu muito, tendo limitações na locomoção devido a um derrame.

Com base no cotidiano de Karina, tanto em sua fala como em minhas observações, acreditava que ela era uma solitária por excelência (Castro, 1994). No entanto, no último mês

da pesquisa a vi várias vezes próxima ao Valdomiro que está viúvo pela segunda vez. Em certo momento em que me sentei perto deles, me contaram ambos serem mineiros, que ele está no Abrigo Cuiabano há doze anos e ela há menos de um, tendo mais cedo tomado banho de sol juntos e desta maneira permanecendo durante o almoço. Sendo assim, Karina não se caracteriza como uma solitária por excelência, pois sua restrição em fazer amizades não tem se dado por todo o tempo vivido, mas a partir do momento em que adoeceu e seus familiares não a cuidaram, portanto, levando a ela viver em uma ILPI.

A solidão é trazida por Elias (2001) como um dos sentimentos que pode acelerar a chegada da morte para os idosos mediante o isolamento social principalmente fomentado nas sociedades modernas. No mesmo sentido se dão os espaços fechados, estes tão familiares aos idosos tanto institucionalizados como aqueles residindo em suas casas privadas.

Para Bispo (2016), a velhice solitária de uma das “ex-chacretes”, é resultado de seu afastamento familiar devido a fama obtida nos anos 1980. Então, idosa, gostaria de viver em companhia de familiares, porém, eles não a receberam. A partir disso, divide uma casa de acolhimento com outras mulheres em estágio da vida semelhante.

Diferentemente dos idosos que vivem em residências e passam boa parte do tempo sozinhos, os idosos no Abrigo Cuiabano em sua maioria divide o quarto com duas ou três pessoas, assim podendo contar com seus pares caso precisem.

Na instituição as refeições, as visitas, as conversas diárias tendem a ser apreciadas com intensidade e sem pressa. Assim, o viver para os idosos parece não ser nem tão focado no “bom passado nem no mau do presente”, pois tentam aproveitar o tempo de hoje porque tem consciência de que a morte se aproxima (ELIAS, 2001).

Para alguns deles, o encerramento do ciclo da vida pode não ser necessariamente visto como algo ruim, mas parte de um percurso. Simona afirma que “tem praticado o desapego” das coisas materiais há quase cinco décadas, por isso achava que estava pronta para partir. Contudo, ao ver a família de um jovem sofrendo diante de seu corpo inerte na Unidade de Pronto Atendimento em que esteve internada por alguns dias, percebeu que ainda não estava pronta para ver seus familiares passarem por isso.

A morte pode se expressar de formas diversas, Eckert (2006) registra a “morte” do modo de vida de uma comunidade francesa cuja principal atividade era a mina de carvão. As pessoas envolvidas tiveram que lidar com o desaparecimento dos valores de referência do seu grupo e com o novo de viver ou trabalhar em outros lugares ao mesmo tempo:

[...] Foi junto a famílias de mineiros aposentados e mais velhos que privilegiei o mapeamento de um universo cotidiano da população e a construção dos diferentes estilos sociais dos grupos que coexistem na vila. A população mais idosa e mais numerosa tem em comum o conhecimento do passado e da vida presente. Ela divide essa identidade forjada em uma experiência comum nos movimentos migratórios e na mistura étnica e racial. [...] (ECKERT, 2006, p. 173).

No mesmo sentido, penso que os idosos ao se mudarem para uma instituição experimentam a morte de um modo de vida e o nascimento de outro, com suas perdas e ganhos. No Abrigo Cuiabano eles parecem viver muito mais o coletivo do que o privado. Penso que essa privacidade limitada, pode levar a diminuição da solidão. Neste sentido, os idosos comumente relataram os cuidados daqueles que dividem os quartos ajudando-se mutuamente em seu cotidiano.

Elias (2001, p. 76) critica o fato de as pessoas evitarem experimentar a dor da perda, afastando as crianças do contato com a morte, assim tornando público o que outrora costumava se dar no privado, sendo os mortos velados em suas casas:

A morte não é terrível, passa-se ao sono e o mundo desaparece — se tudo correr bem. Terrível pode ser a dor dos moribundos, terrível também a perda sofrida pelos vivos quando morre uma pessoa amada. Não há cura conhecida. Somos parte uns dos outros [...].

Como a instituição é considerada por muitos deles sua moradia, normalmente os residentes são velados lá. Alguns idosos comentaram que gostam de se despedir de seus pares. Trago esse dado com base na minha participação em um velório de um idoso realizado em um local fora da instituição, pois sua única filha não quis que fosse velado lá, haja vista seu pai ter morado no Abrigo Cuiabano por dez anos contra a vontade dela.

Segundo a filha do idoso ex-residente do Abrigo Cuiabano, seu pai afirmava que se sentia bem vivendo no contexto asilar, então não tinha razão para morar com ela tendo em vista que a costumava visitar para matar a saudade. Neste dia houve um problema com o ônibus dos idosos, então não puderam ir até o velório, este fato ocasionou vários desapontamentos por parte dos residentes, estes compartilhados comigo. Isso revela a necessidade dos idosos de estar junto com seus pares tanto na vida como na morte.

As experiências relatadas sobre o temor diante da morte parecem estar diretamente vinculadas às suas crenças. De acordo com Elias (2001, p. 14):

[...] parece que a adesão a crenças no outro mundo que prometem proteção metafísica contra os golpes do destino, e acima de tudo contra a

transitoriedade pessoal, é mais apaixonada naquelas classes e grupos cujas vidas são mais incertas e menos controláveis [...].

Na instituição há espíritas, espiritualistas, católicos, protestantes e ainda aqueles que afirmam crerem em um pouco de cada vertente espiritual. Além da presença nas narrativas, as crenças também são manifestadas nos adereços como terços, livros de cânticos, cor da roupa ou lazer. A exemplo, dois senhores que não quiseram jogar dominó comigo pois “isso não agrada a Deus”.

A crença de um amanhã melhor após a morte se manifesta nas pequenas e grandes limitações do dia-a-dia. Neste sentido costumam cantarolar louvores, ademais passam parte do tempo lendo ou ouvindo mensagens de encorajamento em seus rádios portáteis. A título de exemplo, Clóvis me contou alegremente que tinha tido um sonho lindo: “Sonhei que estava andando de novo, acredito que isso um dia pode acontecer”. Atualmente ele não sente nada da cintura pra baixo. Em sua cama, que durante o dia fica próxima à mangueira principal, ele passa a maior parte do tempo deitado.

Simona afirma ser espiritualista, descreve em pormenores a diferença da sua crença em relação aos espíritas e enfatiza que não se sente só pois está sempre acompanhada de espíritos “nós espiritualistas damos o anzol e ensinamos a pescar, os espíritas dão o peixe”. Me fala que ela e a Vanda costumam conversar sobre o espiritual. Acredita que se tivesse colocado em prática mais constantemente o que aprendeu ao longo de cinquenta anos de estudo, já estaria mais evoluída. Afirma praticar o afastamento do corpo frequentemente, a ponto dos que estão à sua volta a tocarem e ela não sentir, pois não está lá mentalmente.

Para Simona, as datas expressam algo especial. No mês do aniversário é o inferno astral, assim, é por isso que ela estava passando por dores, limitações, entre outros. Conta, que diante da necessidade de conversar com alguém que é difícil de lidar, coloca um amigo espiritual junto desta pessoa e então inicia a conversa, por essa razão considera ser bem-sucedida em suas ações.

Claudio, 62 anos, solteiro, pai de um filho falecido prematuramente, tem uma fala em que sua crença se imprime diariamente. Me disse que “o mundo não acaba, acaba o povo”, pois quando criança aprendeu com seus avós que “estamos pisados em outra geração, mas eles não pressentem que estão de cabeça para baixo, eu me apego a Deus, nossa senhora aparecida”. Num mesmo momento de sociabilidade pode ser presenciadas duas manifestações de crenças de um idoso e uma idosa. Segue o relato registrado no diário de campo:

Então se aproxima o Haroldo e compartilha que o presidente do Instituto dos cegos realmente mandou buscá-lo para ir na missa lá, mas quando já estava

dentro do carro disseram que ele não poderia ir. O Haroldo se afasta e chega a Nilha, me fala sobre o anel prata que estou usando, ela diz ser bom para espantar o mal e me mostra em seu pescoço uma corrente prata com um pingente prateado em que uma pomba dourada está cravada, também uma das pernas e diz estar com erisipela, que precisa de três pessoas para benzer, mas que está melhor que antes.

Nilha, tem 93 anos e embora se esqueça de vários momentos que viveu e até mesmo da própria idade, enfatiza em suas falas o que mais lhe importa no cotidiano, que é a sua fé, afirmando ser católica e rezar para muita gente do abrigo e fora dele, mesmo que não estejamos conversando sobre isso. Não costuma reclamar das limitações, mas tece sobre seus objetivos principais que são retornar para a terra natal e operar os olhos.

Posto isto, para os idosos citados e outros mais, ao aguardarem “o que está por vir” no plano espiritual, se aproximam dos povos africanos estudados por Rifiotis (2006) quanto ao fato da crença na vida após a morte levar a diminuição de seus pesares na “última etapa da vida”.

5 CONCLUSÕES

Os lugares que as idosas e idosos tem ocupado nas sociedades em que vivem se diferenciam segundo os valores particulares de cada cultura. Alguns são tratados com prestígio, outros abandonados e ainda há pessoas que sequer chegam a conhecer as limitações do corpo envelhecido, como nos grupos sociais em que a média de vida não chega aos cinquenta anos.

É importante ressaltar que a velhice não se dá em um período da vida fixo, mas através de um processo segundo Peixoto (2000). Neste percurso considerado parte da última etapa da vida, morar em uma instituição de longa permanência representa uma opção para os idosos que necessitam de cuidado, companhia, segurança, entre outros.

Nas sociedades ocidentais, como o Brasil, existe um grande número de Instituições de Longa Permanência. Essas se diferem principalmente entre as categorias privada, governamental e filantrópica, com suas próprias regras e particularidades, sendo as governamentais brasileiras em menor número.

O Abrigo Cuiabano, locus de pesquisa, é uma ILPI filantrópica e não se apresenta enquanto uma instituição total nos moldes de Goffman (2001), pois embora haja um número pequeno de idosos que entram e saem diariamente da instituição sem acompanhantes, aqueles que o fazem se sentem satisfeitos por realizar sozinho atividades cotidianas como comprar remédios, ir a supermercados, entre outros. Vi ainda flexibilidade da instituição quanto a quebra de regras como a que proíbe os visitantes de ter acesso aos quartos dos residentes, assim, diante de um adoecimento, a visitação é permitida.

Com a narrativa acima, não pretendo negar os dilemas tangíveis vividos pelos idosos institucionalizados. Ressalto, que a proposta deste trabalho é precisar de que maneira os residentes pesquisados percebem seus processos de envelhecimento em uma ILPI, com o viés em gênero, família e afetividade, através das sociabilidades que observei e foram geradas entre eles e outros agentes presentes no contexto asilar.

Dentre as diferenças quanto ao gênero, a maioria dos residentes tem sido homens durante a existência do Abrigo Cuiabano. Isso pode ser compreendido sobre a maior necessidade dos homens de ter companhia na velhice (GOLDENBERG, 2015). Assim, independentemente de seu status, a procura dos homens por uma ILPI é representativa. Não se fizeram presentes hierarquização quanto ao gênero, mas à idade e tempo de instituição. Tanto

as idosas quanto os idosos se voluntariam em afazeres para a manutenção do cotidiano asilar, sendo que as idosas parecem se fazerem mais atendidas em suas necessidades.

Dos dados colhidos, o cuidado nas diferentes formas de expressão da dádiva, influi na manutenção dos relacionamentos, deste modo proporcionando o desfrute do cotidiano com menos contratempos. Está impresso nas sociabilidades entre os residentes e seus pares e entre os residentes e os variados agentes atuantes na instituição. Assim, o cuidado através do toque se revelou a maior necessidade pelas idosas tendo em vista me pedirem com frequência que lhes fizessem massagens, hidratação da pele, retirada de pelos, entre outros. Posto isto, o trabalho voluntário realizado por mim paralelamente a pesquisa se mostrou como fator contribuidor para a proximidade com os variados agentes que atuam na instituição, mas principalmente com os residentes.

O voluntariado tanto realizado por grupos quanto por pessoas individualmente tem proporcionado aos idosos alimentos que não lhes são comuns ao cotidiano, bem como diversas sociabilidades. Ambas ações são bem recebidas pelos residentes e incentivadas por parte da direção do Abrigo Cuiabano.

Surpreendeu-me a fala dos residentes diante da pergunta parte da entrevista a respeito do que eles mais gostariam de fazer, a maioria afirmou querer receber mais visitas e passear, que ficam muito felizes quando os voluntários levam comidas diferentes e conversam com eles. Nesta questão, a necessidade de sociabilidade parece sobrepôr a aquisição de bens materiais. Outro dado revelado foi a respeito do Abrigo Cuiabano sendo uma instituição filantrópica residir pessoas não carentes e que estão lá por vontade própria.

As trajetórias narradas revelam memórias sobre o tempo vivido, de feitos, amores, também conflito e violência. Embora o fato de os idosos viverem em uma ILPI e não junto aos seus familiares possa ser compreendido como violência simbólica, por vezes, a violência vivenciada durante o percurso até uma instituição sobrepõe a qualquer outro tipo desta ação. Isso se dá no Abrigo Cuiabano porque vários idosos sofreram abuso emocional, físico, sexual, entre outros, portanto, falar sobre seu local de origem é profundamente doloroso e para eles a família não é sinônimo de cuidado e afeto.

Assim, nas questões geracionais, a família de origem em geral não simboliza lugar de cuidado, talvez por se tratar de residentes de uma instituição filantrópica e assim em sua maioria terem passado por exclusão durante grande parte da vida. Por isso, família para alguns são aqueles pares com quem tem relação de cuidado mútuo.

A solidão apareceu como um sentimento passível a qualquer residente, este não estando associado necessariamente ao fato de os idosos viverem sozinhos ou acompanhados em seus quartos. Também ambíguo, porque enquanto há um senso comum acerca do viver em uma instituição estar diretamente vinculado a isolamento, para alguns idosos que passavam a maior parte do tempo dentro de suas moradias com pouco contato com pessoas semelhantes a eles, essa vivência institucional representa liberdade e o oposto de solidão, seja na vida ou na morte.

A crença em que há algo além da morte e as atividades em torno desta se mostraram emergentes no cotidiano dos idosos, impactando sobremaneira a percepção deles quanto a proximidade da morte. Além do mais, no Abrigo Cuiabano a morte que costuma ser temida por diversos povos, esta lhes é familiar, sendo que cinco idosos falecem ao ano em média e são velados dentro da instituição, semelhantemente a outrora em que a morte se fazia no privado, de modo natural (ELIAS, 2001).

A partir do levantamento bibliográfico realizado acerca da temática do envelhecimento, pude perceber que há uma lacuna de estudos com idosos no ambiente rural principalmente ao que tange as duas últimas décadas, questão que pretendo estudar em um projeto posterior.

A maioria dos idosos consideram o Abrigo Cuiabano como um lugar de pertencimento em que se sentem cuidados e protegidos, sendo que muito deles nem anseiam participar dos passeios pois o externo a instituição já não lhes é mais familiar, seja por desejar cuidar dos seus pares, por não terem familiares com quem contar, ou seja por que nunca teve uma vida tranquila como lá.

Através de algumas falas percebem-se marcas de ambiguidade sendo que as idosas e idosos ao mesmo tempo que reclamam do Abrigo Cuiabano o elogia. Assim, a vontade de ficar e partir coexistem no cotidiano do idoso mediante as situações que experienciam nas relações no contexto asilar. Em suma, ora se sentem acolhidos, ora excluídos. Isso me remete ao cotidiano de todo ser humano, independente do ambiente que se encontra.

Encerro, com a pergunta que Isolino me fez ao convidá-lo para participar da pesquisa, “qual é a serventia?”. A começar, este estudo me possibilitou a repensar alguns dos meus olhares para o outro, dentre eles o de mãe, educadora e pesquisadora. Também poderá servir para as pessoas que se interessarem sobre o processo de envelhecimento, seja em trajetórias que se assemelhem a minha ou advindos de outras áreas. Por fim, o envelhecimento, independentemente da cultura que o sujeito está inserido, é um processo cujo ponto de partida se dá no nascimento, encerrando-se na morte, sendo que todos nós o vivemos de algum modo.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA-ORJUELA, G. M. *Como e porque idosos brasileiros usam a televisão: um estudo dos usos e gratificações associados ao meio*. 2001. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252348/1/Acosta-Orjuela_GuillermoMauricio_D.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.
- ALISSON, E. *O Brasil terá sexta maior população de idosos no mundo até 2025*. Porto Seguro: Agência Fapesp, 2016. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/brasil-tera-sexta-maior-populacao-de-idosos-no-mundo-ate-2025/23513/>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- ALVES, A. M. *A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre gênero, sociabilidade e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.
- ALVES, E. J. *et al.* Assistência de enfermagem em instituições de longa permanência para idosos: relato de experiência longa. In: SEMANA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 79.; SEMANA DE ENFERMAGEM, 6.; COLÓQUIO ESTADUAL DE RESPONSÁVEL TÉCNICO DE SERVIÇO DE ENFERMAGEM, 1., 2018, Cuiabá. *Anais [...]. Cuiabá: ABEN-MT, 2018. p. 60- 61.*
- ANÉAS, T. V.; AYRES, J. R. C. M. Organizações das ações de atenção à saúde: modelos e práticas. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 11-23, jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v18s2/03.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- AYRES, J. R. C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n3/03.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- AYRES, J. R. C. M. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 63-72, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v6n1/7025.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- BARKER, J. C. Between humans and Ghosts: The decrepit elderly in a Polynesian Society. In: SOKOLOVSKY, J. (Ed.). *The cultural context of aging: Worldwide perspectives*. 3. ed. Westport, CT: Praeger, 2009. p. 606-621.
- BARROS, M. M. L. Testemunho de vida: um estudo antropológico sobre mulheres na velhice. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006a. p. 113-168.
- BARROS, M. M. L. Apresentação. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006b. p. 7-12.
- BARROS, M. M. L.; PEIXOTO, C. E.; ALVES, A. M. Ageing and anthropology. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, DF, v. 13, n. 1, p. 52-54, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vb/v13n1/1809-4341-vb-13-01-00052.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

- BEAUD, S.; WEBER, F. *Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Tradução Sérgio Joaquim de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BISPO, R. Tempos e silêncios em narrativas: etnografia da solidão e do envelhecimento nas margens do dizível. *Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia*, Lisboa, v. 20, n. 2, p. 251-274, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/pdf/4268>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- BONETTI, A.; FLEISCHER, S. Diário de campo. (Sempre) um experimento etnográfico-literário? In: BONETTI, A.; FLEISCHER, S. (Org.). *Entre saias justas e jogos de cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente*. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 2007. p. 9-40.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. A dominação masculina. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71724/40670>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- BRASIL. Presidência da República. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 3 out. 2003. Não paginado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm Acesso em: 26 abr. 2019.
- BRITTO DA MOTTA, A. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/05.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- BRITTO DA MOTTA, A. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. reimp. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011. p. 37-50. (Coleção Antropologia & Saúde). Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- BRITTO DA MOTTA, A. Families of centenarians. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, DF, v. 13, n. 1, p. 55-70, 2016. Disponível em: <http://vibrant.org.br/downloads/Vibrant%2013n1%20-%20D2.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- CALÁVIA SÁEZ, O. *Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia*. Florianópolis: Edições do Autor, 2013. Disponível em: <http://www.antropologia.com.br/divu/colab/d53-osaez.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- CAMARANO, A. A.; BARBOSA, P. Instituições de longa permanência para idosos no Brasil: do que você está falando? In: ALCÂNTARA, A. O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. (Org.). *Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. p. 479-514. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/161006_livro_politica_nacional_idosos.PDF. Acesso em: 26 abr. 2019.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; PASINATO, M. T. Famílias: espaço de compartilhamento de recursos e vulnerabilidades. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 137-167. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/Arq_29_Livro_Completo.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

CAMARANO, A.; MELLO, J. L. Introdução. In: CAMARANO, A. (Org.). *Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 11-37. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_cuidados.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. C. Pesquisa em versus pesquisas com seres humanos. In: VÍCTORA, C. et al. (Org.). *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: Ed. UFF, 2004. p. 33-32. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/AntropologiaEtica.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. 3. ed. Brasília, DF: Paralelo 15, 2006.

CASTRO, C. *Homo solitarius: notas sobre a gênese da solidão moderna*. *Cadernos de Campo – Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP)*, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 71-78, 1994. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50684/54795>. Acesso em: 26 abr. 2019.

COELHO, M. C. *O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

COHEN, L. Não há velhice na Índia: os usos da gerontologia. In: DEBERT, G. G. *Antropologia e velhice*. 2. ed. Campinas: IFCH/Unicamp, 1998. p. 73-134. (Textos Didáticos, n. 13).

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE MATO GROSSO. *Abrigo de idosos recebe doação de alimentos feita por arquitetos e urbanistas de Mato Grosso*. Cuiabá, 2017. Disponível em: <http://www.caumt.gov.br/?p=38986>. Acesso em: 26 abr. 2019.

CONSELHO FEDERAL DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Relatório de Inspeção a Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs)*. Brasília, DF: CFP, 2008. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/relatorio_ilpis_a5.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

CORA CORALINA. Cora Coralina conta um pouco de sua história. [Entrevista cedida a] Miriam Botassi. *Mulherio*, São Paulo, ano 4, n. 16, p. 2-10, 1983. Disponível em: http://www.fcc.org.br/conteudos/especiais/mulherio/arquivo/IV_16_1984menor.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

DAMATTA, R. O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological blues”. In: NUNES, E. O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Ed. USP/FAPESP, 1999a.

DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. *Revista USP*, São Paulo, n. 42, p. 70-83, 1999b. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/28456/30313>. Acesso em: 26 abr. 2018.

DEBERT, G. G. A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro. *Interseções - Revista de Estudos Interdisciplinares*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 71-92, 2001.

DEBERT, G. G. Ética e as novas perspectivas da pesquisa antropológica. In: VÍCTORA, C. *et al.* (Org.). *Antropologia e ética: o debate atual no Brasil*. Niterói: Ed. UFF, 2004. p. 45-54. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/AntropologiaEtica.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2018.

DEBERT, G. G. A Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 49-67.

DEBERT, G. G.; GREGORI, M. F. Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 165-185, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v23n66/11.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2018.

DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1977.

ECKERT, C. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória dos velhos moradores de Porto Alegre. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. reimp. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011. p. 73-102. (Coleção Antropologia & Saúde). Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

ECKERT, C. A vida em um outro ritmo. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 169-206.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. Aventuras antropológicas nas cidades brasileiras: na trilha das trajetórias acadêmicas das antropólogas “urbanas” Eunice Durham e Ruth Cardoso. *Sociabilidades Urbanas: Revista de Antropologia e Sociologia*, João Pessoa, v. 1, n. 3, p. 39-56, 2017.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos: seguido de envelhecer e morrer*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FALEIROS, V. P. *Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores*. Brasília, DF: Universa, 2007.

FALEIROS, V. P. *Saber profissional e poder institucional*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FASANO, P. C. Diário de los laberintos del chisme (y sus incomodidades) en un barrio popular. In: SCHUCH, P.; VIEIRA, M. S.; PETERS, R. (Org.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer antropológico contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. p. 129-144.

FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. (Org.). *Antropologia e velhice*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1998. p. 45-64. (Textos Didáticos, 13).

FIGUEIREDO, A. T. C. *Na eternidade cabe lá todo o mundo: visita de palhaços a instituições de longa permanência*. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/305723/1/Figueiredo_AnaTeresaCosta_M.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 10, p. 58-78, 1999. Disponível em: https://poars1982.files.wordpress.com/2008/03/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

FONSECA, C. *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. In: SCHUCH, P.; VIEIRA, M. S.; PETERS, R. (Org.). *Experiências, dilemas e desafios do fazer antropológico contemporâneo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. p. 205-227.

FOOTE-WHYTE, W. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Tradução Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GEERTZ, C. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Tradução Eva Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2009.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. Tradução Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução Dante Moreira Leite. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GOLDENBERG, M. *A bela velhice*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GRAEFF, L. *O “mundo da velhice” e a cultura asilar: estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre*. 2005. 172 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5466/000515601.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 abr. 2019.

HALBWACHS, M. *Memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HECK, R. M. *Contexto sociocultural dos suicídios de colonos alemães: um estudo interdisciplinar para a enfermagem*. 2000, 318 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78149/173576.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 abr. 2019.

HECK, R. M.; LANGDON, E. J. M. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. reimp. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011. p. 129-151. (Coleção Antropologia & Saúde). Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução Marcia de Sá Cavalcanti. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. v. 1. (Trabalho original publicado em 1927).

HORA, T. C. *Entre velhinhos: construção, gestão e negociação de envelhecimentos em um asilo beneficente*. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Estadual de Campinas, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279629/1/Hora_ThiagoCesarioda_M.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

INGOLD, T. Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 76-110, 2005. Disponível em: <http://www.marcoareliosc.com.br/02ingold.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios – resultados do universo*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. IBGE, 2011. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

KAUFMANN, J-C. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Tradução Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis: Vozes, 2013.

LIMA, M. A. *A gestão da experiência de envelhecimento em um programa para a terceira idade*. 1999. 197 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/282007/1/Lima_MarceloAlves_M.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

LOPES, A. *Trabalho voluntário e envelhecimento: um estudo comparativo entre idosos americanos e brasileiros*. 2006. 230 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252942/1/Lopes_Andrea_D.pdf. Acesso em: 26 abr. 2019.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MAGNANI, J. G. C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 81-95, 2003a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v15n1/v15n1a05.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MAGNANI, J. G. C. A rua e a evolução da sociabilidade. *Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2003b. Não paginado. Disponível em: <http://www.osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>. Acesso em: 26 jul. 2017.

MAGNANI, J. G. C. A etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*. Tradução Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo: Abril Cultural, 1976. (Coleção Os Pensadores, v. 43).

MANGABEIRA, C. Amor de pessoa: ficção, escrita antropológica e amor no diálogo epistolar entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz. *Campos – Revista de Antropologia*, Curitiba, v. 17, n. 1, p. 31-48, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/download/48367/pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MARCUS, G. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 34, p. 197-221, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/download/111301/109532>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: CosacNaify, 2003. p. 183-314.

MINAYO-GOMEZ, C.; THEDIM-COSTA, S. M. F. Incorporação das ciências sociais na produção de conhecimentos sobre trabalho e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 125-136, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n1/a10v08n1.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

MOTTA, F. M. *Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice*. Santa Cruz do Sul: Ed. UNISC, 1998.

MOTTA, F. M.; PORTO, R. M. Guita Debert [entrevistada]. In: GROSSI, M. P.; ROZELI, P.; MINELLA, L. S. (Org.). *Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência*. Florianópolis: Mulheres, 2006. p. 111-134. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1255?show=full>. Acesso em: 26 abr. 2019.

NERI, A. L. *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas: Alínea, 2001.

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, M. P.; ECKERT, C.; FRY, P. H. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007. p. 45-80. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/livros/ConferenciaseDialogos.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

PASSAMANI, G. R. De “minas frescal” a “gorgonzola”: os processos de envelhecimento entre pessoas com condutas homossexuais no Pantanal-MS. *Revista Nanduty*, Dourados, v. 4, n. 5, p. 5-32, 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/download/5754/2924>. Acesso em: 26 abr. 2019.

PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf. Acesso em: 25 abr. 2019.

PEIXOTO, C. E. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

- PEIXOTO, C. E. Introdução: processos diferenciais de envelhecimento. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 9-12.
- PEIXOTO, C. E. Images et récits sur l'entrée en institution. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, DF, v. 13, n. 1, p. 176-185, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vb/v13n1/1809-4341-vb-13-01-00176.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- PEREIRA, A. C. D. *et al.* Dificuldades evidenciadas pelo cuidador do idoso com Alzheimer. In: SEMANA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM, 79.; SEMANA DE ENFERMAGEM, 6.; COLÓQUIO ESTADUAL DE RESPONSÁVEL TÉCNICO DE SERVIÇO DE ENFERMAGEM, 1., 2018, Cuiabá. *Anais [...]. Cuiabá*: ABEN-MT, 2018. p. 101-102.
- RIFIOTIS, T. O ciclo vital completado: a dinâmica dos sistemas etários em sociedades negro-africanas. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 85-110.
- RIFIOTIS, T. O idoso e a sociedade moderna: desafios da gerontologia. *Pro-Posições*, Campinas, v. 18, n. 1, p. 137-151, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/download/8643583/11104>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- SEEGER, A. *Os índios e nós*: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- SILVA, M. A. A cidade de São Paulo e os territórios do desejo: uma etnografia do Festival Mix Brasil de Cinema e Vídeo da Diversidade Sexual. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 19-43, 2013. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/download/830/pdf_4. Acesso em: 26 abr. 2019.
- SILVA, T. O. “*Na velhice também há vida*”: os significados em torno da vida social dos velhos na cidade de Cuiabá. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2017.
- SIMMEL, G. *On individuality and social forms*. Chicago: University of Chicago Press, 1971.
- SIMÕES, J. A. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. p. 25-56.
- SIMÕES, J. A. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?*: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006. p. 13-34.
- SOUZA, E. R. *et al.* O idoso sob o olhar do outro. In: MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JÚNIOR, C. E. A. (Org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. reimp. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011. p. 191-209. (Coleção Antropologia & Saúde). Disponível em: <http://books.scielo.org/id/d2frp/pdf/minayo-9788575413043.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- SPINOZA, B. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- TARNOVSKI, F. L. “*PAIS ASSUMIDOS*”: adoção e paternidade homossexual no Brasil contemporâneo. 2002. 115 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

VELHO, G. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 123-134.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v8n1/9643.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 157-170, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a07.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *World report on ageing and health*. Geneve: WHO Press, 2015. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811_eng.pdf?sequence=1. Acesso em: 26 abr. 2019.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Entrevista com os idosos do Abrigo Cuiabano, de Cuiabá, MT, em 2018, realizada pela mestranda Renata Simone Vicente Bortoluzo.

Nome do entrevistado (a): [.....]

1) Quantos anos o Sr.(a) tem? Onde nasceu? Tem religião? [idade, origem, crença]

.....

2) Frequentou a escola? Tem profissão? É aposentado(a)? [escolaridade, classe social]

.....

3) Foi casado (a)? Tem filhos, irmãos vivos? Teve relacionamentos? Recebe visitas? Quem são seus amigos (as) fora e dentro do abrigo? [gênero, família...]

.....

4) Desde quando está no abrigo? [abertura para contar sobre sua história de vida]

.....

5) Como se sente vivendo aqui? Como é sua rotina? [rotina]

.....

6) Que passeios gosta de ir? O que gostaria de fazer que ainda não fez? [interação com o ambiente externo ao abrigo e perspectiva de lazer]

.....

7) O que mais gostaria que acontecesse? [perspectiva futuro]

.....

Data da entrevista:/...../.....